

REORIENTAÇÃO CURRICULAR

SOCIOLOGIA

Materials Didáticos

REORIENTAÇÃO CURRICULAR - EQUIPE UFRJ

Direção Geral

Profa. Angela Rocha

Doutora em Matemática – Instituto de Matemática da UFRJ

Coordenação Geral

Profa. Maria Cristina Rigoni Costa

Doutora em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras da UFRJ

Coordenação de Ciências Humanas

Profa. Gracilda Alves

Doutora em História – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Orientador

Monica Grin

Profa. do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e Doutora em Ciências Sociais pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro/IUPERJ

Professores Autores

Benigna M. da Rosa Albuquerque

C.E. Prof. Alda Bernardo dos Santos

Elisabeth Ribeiro Fraga dos Santos

Fabiana Simões Freitas da Silva

CIEP 346 Belarmino Alfredo dos Santos

Janete de Melo Cidreira

C.E. Marechal Souza Dantas

Júlia Marina Vieira da Cruz

C.E. Valmir Peçanha

Lenira da Silva Brandão

C.E. Prof. Alda Bernardo dos Santos

Marcelo Cardoso da Costa

CIEP 207 Gilson Amado

Marco Antonio Bourguignon

C.E. Prefeito Mendes de Moraes

Marcus Francisco dos Santos

E.E. Almirante Protogenes

Maria de Fátima Alvim Souza
Marize Barros de Andrade
Marla Granados Belarmino
Tânia Schettini

I.E.Prof. Carlos Camacho
CIEP 169 Maria Augusta Correia
C.E.Jornalista Álvaro Bastos
C.E.Prof. Jamil El Jaick

Prezados (as) Professores (as)

Visando promover a melhoria da qualidade do ensino, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro realizou, ao longo de 2005, em parceria com a UFRJ, curso para os professores docentes de diferentes disciplinas onde foram apropriados os conceitos e diretrizes propostos na Reorientação Curricular. A partir de subsídios teóricos, os professores produziram materiais de práticas pedagógicas para, utilização em sala de aula que integram este fascículo.

O produto elaborado pelos próprios professores da Rede consiste em materiais orientadores para que cada disciplina possa trabalhar a nova proposta curricular, no dia a dia da sala de aula. Pode ser considerado um roteiro com sugestões para que os professores regentes, de todas as escolas, possam trabalhar a sua disciplina com os diferentes recursos disponibilizados na escola. O material produzido representa a consolidação da proposta de Reorientação Curricular, amadurecida durante dois anos (2004-2005), na perspectiva da relação teoria-prática.

Cabe ressaltar que a Reorientação Curricular é uma proposta que ganha contornos diferentes face à contextualização de cada escola. Assim apresentamos, nestes volumes, sugestões que serão redimensionadas de acordo com os valores e práticas de cada docente.

Esta ação objetiva propiciar a implementação de um currículo que, em sintonia com as novas demandas sociais, busque o enfrentamento da complexidade que caracteriza este novo século. Nesta perspectiva, é necessário envolver toda escola no importante trabalho de construção de práticas pedagógicas voltadas para a formação de alunos cidadãos, comprometidos com a ordem democrática.

Certos de que cada um imprimirá a sua marca pessoal, esperamos estar contribuindo para que os docentes busquem novos horizontes e consolidem novos saberes e expressamos os agradecimentos da SEE/RJ aos professores da rede pública estadual de ensino do Rio de Janeiro e a todo corpo docente da UFRJ envolvidos neste projeto.

Claudio Mendonça

Secretário de Estado de Educação

SUMÁRIO

Ensino Médio

- 13 Sociologia em Ato: Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio
- 15 Tema 1: Tradição e Modernidade: o surgimento do saber sociológico
- 19 Tema 2: Conhecimento Sociológico e Senso Comum
- 22 Tema 3: Etnocentrismo e Relativismo Cultural
- 29 Tema 4: Diversidade Cultural
- 33 Tema 5: Discriminação Racial
- 39 Tema 6: Desigualdade Social
- 47 Tema 7: Cultura e Sociedade de Massa
- 52 Tema 8: Trabalho: mercado de trabalho e suas diversas modalidades
- 61 Tema 9: Cidadania e Direitos Humanos
- 68 Tema 10: Violência
- 78 Tema 11: Gênero e Sexualidade

SOCIOLOGIA EM ATO: MANUAL DE ATIVIDADE EM SOCIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO

“Julgamos que faça parte de um espírito civilizado em nossa época ter travado contato com a forma de pensamento crítico peculiarmente moderno e oportuno e que chamamos sociologia. Mesmo aqueles que não encontram nessa atividade intelectual seu próprio demônio particular, como se expressou Weber, tornar-se-ão, através desse contato, um pouco menos obstinados em seus preconceitos, um pouco mais cuidadosos em seus comprometimentos e um pouco mais céticos em relação aos comprometimentos alheios – e talvez um pouco mais compassivos em suas jornadas através da sociedade.”
(Peter Berger, *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*, 1963)

INTRODUÇÃO

O presente manual de sociologia dirige-se aos professores do terceiro ano do Ensino Médio e pretende ser uma contribuição para a elaboração de atividades que despertem, de maneira criativa e prazerosa, o interesse do aluno pelos fenômenos sociais, bem como pela problematização sociológica. Trata-se de um manual que corrobora o princípio segundo o qual o conhecimento sociológico é importante para qualquer indivíduo que viva em sociedade. É, nesse sentido, um instrumento valioso para que o aluno compreenda o mundo da vida e as possibilidades de agir sobre ele. O ensino da sociologia, por vezes transmitido em terminologia científica, com classificações e definições rígidas de conceitos e categorias, e mesmo com estatísticas frias – o que resulta em relativo impacto sobre os alunos – será aqui tratado em linguagem inteligível, buscando, na medida do possível, desmistificar o chamado “jargão sociológico”. É claro que o professor de sociologia tem de dispor de definições precisas, sem ambigüidades, sobretudo para operar a diferenciação entre o saber sociológico e o senso comum. Contudo, a sua linguagem e as atividades por ele elaboradas podem gozar de enorme criatividade e maleabilidade semântica, sempre com o objetivo de tornar o estudante crescentemente atraído e interessado pela reflexão sociológica.

O presente manual tem como horizonte prioritário “transformar” o aluno em um observador atento, curioso e “desconfiado” dos fenômenos cotidianos em sua aparência imediata. Um “sociólogo” do dia-a-dia que se pergunta sobre a cidade em que vive, sobre a cultura que compartilha, sobre sua origem; suas crenças e valores, sobre os problemas da sociedade de que faz parte; sobre o exercício dos seus direitos como cidadão e sobre o papel do estado;

sobre os seus hábitos de consumo; sobre suas expectativas e horizontes de vida. Um “curioso social” mobilizado, sempre que possível, para o exercício da comparação histórica, para o olhar sensível em relação ao “outro”, para a relativização cultural e para a comparação com outros contextos regionais e internacionais.

O presente manual foi elaborado por uma equipe de professores de sociologia e de disciplinas pedagógicas da Rede Estadual de Ensino Público do Rio de Janeiro, através de um laboratório de sociologia, sob a minha coordenação. A principal tarefa consistiu em considerar suas experiências em escolas de diferentes regiões do estado e explorar, com critério e criatividade, fenômenos sociológicos de maior apelo e impacto para o alunado, a fim de compor um manual cuja utilidade na relação ensino/aprendizagem fosse um fato com resultados amplamente visíveis. Os temas selecionados foram considerados principalmente por suas potencialidades e pelo fato de mobilizarem a reflexão do aluno além do espaço convencional da sala de aula. O espaço da sala de aula será em grande medida o palco através do qual serão ora desenvolvidos, ora apresentados e representados, os resultados das atividades prioritariamente construídas pelos alunos, considerados aqui os protagonistas de suas explorações sociológicas, sob criteriosa orientação do professor. Por isso a denominação “sociologia em ato”.

O presente manual propõe diversas atividades em sociologia e organiza-se em 11 temas, ou fenômenos sociológicos, que a equipe julgou os mais dinâmicos para este fim. Outros temas foram também pensados e poderão futuramente compor um segundo volume. Cada tema é composto por atividades variadas a fim de tornar as aulas de sociologia mais dinâmicas para alunos e professores de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro. Os encontros foram marcados por trocas entre experiências em ensino e pesquisa de sociologia na universidade e experiências dos professores da rede pública que lidam diretamente com alunos de Ensino Médio, para os quais estas atividades são dirigidas. O resultado do trabalho nos dá a boa expectativa que o Manual será de claro entendimento e de grande utilidade para o conjunto dos professores de sociologia do Ensino Médio do Estado do Rio de Janeiro.

Acreditamos, por fim, que o Manual de Sociologia não apenas auxiliará os professores na elaboração das suas aulas, tratando-se de um repertório alternativo de atividades orientadas para o ensino da Sociologia, como também será um relevante instrumento para a formação do jovem em geral, para sua inserção no mundo do trabalho, para sua carreira na universidade e para a sua vida em sociedade.

Monica Grin

TEMA 1: TRADIÇÃO E MODERNIDADE - O SURGIMENTO DO SABER SOCIOLOGICO

NÓS SOMOS PÓS-MODERNOS?

Apresentação e objetivos

O objetivo geral da atividade aqui proposta é garantir ao aluno a percepção histórica da oposição Tradição e Modernidade, e a emergência do saber sociológico como definidor dessa oposição. O século XIX foi palco de mudanças na política, através da Revolução Francesa que, ao instaurar os direitos civis e a idéia da soberania popular, passa a denominar estrutura político-social do “Antigo Regime” como tradição. Foi também o palco das transformações operadas pela chamada Revolução Industrial, que garantiria ao mundo urbano o seu caráter moderno e racional em contraposição ao mundo rural, visto como tradicional, ou seja, baseado ainda em uma concepção de tempo orientada pela natureza e por uma estrutura social estática e atrasada. Do ponto de vista social, a complexidade dessas transformações promoverá a emergência do mercado de trabalho, de novos grupos de referência, novas atividades no mundo do trabalho, novos valores e crenças, novas relações de poder, configurando uma estrutura de pertencimento social diversificada, com diferentes atores e papéis sociais. É nesse contexto que o saber sociológico se impõe como uma ciência capaz de identificar e classificar as transformações em curso. Esse saber avança sob impacto da rápida expansão das cidades, pela precariedade das condições da vida social, pelos deslocamentos populacionais e pelo rompimento de costumes tradicionais. A Sociologia surge, portanto, como ciência mobilizada para entender e explicar as transformações e as contradições da sociedade emergente que, em seu curso histórico, experimentaria profundas mudanças na busca pela superação da tradição e pela afirmação da modernidade.

Contudo, a finalidade da atividade aqui proposta consiste em quebrar a seqüência cronológica e histórica que identifica no século XIX o contexto do fim da tradição ou da sociedade tradicional e de emergência do moderno e da modernidade. Trata-se de atividade que irá garantir ao aluno a possibilidade de relativizar essa oposição binária e de refletir sobre a interdependência desses dois termos através da observação presente da cidade em que ele vive e mesmo do núcleo familiar do qual ele é parte.

Questões a serem mobilizadas pelo professor

- Como as transformações do século XIX alteraram as relações entre indivíduo e sociedade?
- Como a sociedade passa a expressar contradições em sua estrutura social com a emergência de novos grupos sociais?
- Como explorar a permanência e simultaneidade do par tradição/modernidade?

Descrição das atividades

Pedir que o aluno observe a sua cidade e descreva o que ele considera tradicional e o que ele considera moderno. A observação deve levar em consideração os seguintes aspectos: arquitetura da cidade, vestuário, comportamento das pessoas em público, regras morais, tecnologias. A atividade pode contemplar também o espaço familiar (membros da família, formas de comportamento, visões de mundo etc.).

O aluno deverá trazer para o debate em sala de aula as suas observações do par tradição/modernidade, inclusive através de imagens; o professor deve encaminhar a discussão sobre como a modernidade se afirma pela tentativa permanente de superar a tradição, utilizando-se, quando possível, dos próprios exemplos trazidos pelos alunos. O aluno deve ser desafiado a refletir sobre a idéia de que a modernidade no século XIX é vista hoje como tradição, e o que consideramos moderno hoje poderá ser considerado tradição amanhã. Espera-se que o aluno possa “desconstruir” a percepção congelada da oposição tradição/modernidade.

Recursos

- 1) Convidar o professor de história da escola para que apresente um amplo panorama sobre as transformações do século XIX na Europa e no Brasil e, junto com o professor de sociologia, considerar a emergência das novas instituições, atores sociais e papéis sociais nesses contextos.
- 2) Utilizar a sala de aula como espaço de exposição do que foi observado e registrado em imagens e relatos pelos alunos.
- 3) Adotar algum filme que mostre, por exemplo, a simultaneidade do par tradição/modernidade ou algum filme que explore essa questão na relação ocidente/oriente.

Local 1

Sala de aula como espaço para o debate a partir das informações e imagens que os alunos trazam.

Local 2

Sugerir uma visita conjunta ao Centro Cultural Banco do Brasil (ou outro local com essas características), por exemplo, a fim de observar as articulações entre um espaço arquitetônico “tradicional”, todavia preenchido por tecnologias de entretenimento e cultura altamente modernos. Deve-se considerar como essas versões de tempo são conciliadas em um mesmo espaço e como o olhar sociológico pode apreender essa simultaneidade.

Alcance

O aluno será capaz, ao final da atividade, de relativizar as categorias tradição e modernidade no tempo e no espaço. O que para outras culturas é moderno pode ser considerado tradicional para nós, ocidentais, e vice-versa. Pensar como as mudanças tecnológicas podem conviver com uma estrita manutenção de culturas tradicionais. Os exemplos do Japão, da China e da Índia podem ser bastante elucidativos.

Sugestão de texto para ser lido conjuntamente em sala de aula

Tô ficando velho!

Outro dia, tentei explicar para um bando de adolescentes o que era uma máquina de escrever.

Nunca viram uma!

A melhor definição que consegui foi é “tipo assim” um computador que vai imprimindo enquanto você digita.

Acho que não entenderam nada.

Eu sou do tempo do mimeógrafo.

Para quem não sabe, é uma máquina que você coloca álcool e dá manivela pra imprimir o que está na folha matriz.

Por sua vez, essa matriz precisa ser datilografada (ver “datilografia” no dicionário) na tal máquina de escrever, sem a fita (o que faz com que você só descubra os erros depois do trabalho feito), com o papel carbono invertido...

Enfim, procure na Internet que deve haver algum site sobre mimeógrafo, papel carbono, essas coisas...

Se eu ficar explicando cada vocábulo não vou conseguir acompanhar meu próprio raciocínio.

Uma amiga me contou que o filho de 10 anos ficou espantado quando viu um telefone de disca.

Sabe telefone de disca?

É “tipo assim” um aparelho sem teclas, geralmente preto, com um disco no meio, todo furado, onde cada furo corresponde a um algarismo.

Você enfia o dedo indicador no buraco correspondente ao número que precisa registrar, gira o negócio até uma meia lua de metal e solta a roleta, que lá por dentro está presa a uma mola e faz ela voltar à sua posição inicial.

Esse aparelho serve para conversar com outra pessoa como qualquer telefone comum, desde que esteja, é claro, conectado na parede.
Eu sou do tempo em que vidro de carro fechava com maçaneta.
E carro tinha estribo e quebra-vento.
Não espalha, mas eu andei de Simca Chambord, de DKW, Gordini, Aero Willis e até de Romiseta.
Tá bom, tá bom, confesso mais.
Há pouco tempo, João, meu filho de 8 anos, pegou um lp e ficou fascinado.
Botei para tocar e mostrei a agulha rodando dentro do sulco do vinil.
Expliquei que aquele atrito gerava o som que estávamos escutando.. mas aí ele já estava jogando o vídeo game!
Não é que ele seja desinteressado, eu é que fiquei patinando nos detalhes.
Ele até que é bastante curioso e adora ouvir as “histórias do tempo em que eu era criança”.
Quando contei que a TV, naquela época, era toda em preto e branco ele “viajou” na idéia de que o mundo todo era em preto e branco e só de uns tempos para cá é que as coisas começaram a ganhar cores.
Acho que de certa forma ele tem razão... “tipo assim”...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas*. São Paulo: Circulo do Livro, 1976.
- COSTA, Maria C. Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.
- GIDDENS, BECK, LASH. *Modernização Reflexiva*, SP, Editora da UNESP, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- MARTINS, C.B. *Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Coleção Primeiros Passos, nº 57).
- OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- TOMAZI, Nelson Dacio (coord.). *Iniciação a sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

Filmes

- Tempos Modernos. Direção: Charles Chaplin.
- Germinal (1993). Direção: Claude Berri

Site

www.planetaeducacao.com.br

Neste site podem ser encontrados diversos filmes e sugestões de atividades.

TEMA 2: CONHECIMENTO SOCIOLÓGICO E SENSO COMUM

O QUE FAZ UM SOCIÓLOGO E COMO VOCÊS O IMAGINAM?

Apresentação e objetivos

Muitas vezes ouvimos que o conhecimento sociológico pouco se diferencia das opiniões correntes sobre os fenômenos sociais. Esse juízo é muitas vezes ativado, sobretudo porque a sociologia se ocupa dos temas da vida e do indivíduo. O sociólogo, nesse sentido, é um observador imerso no mundo dos homens, em sua história, em suas paixões. Sua própria vida converte-se em parte do seu campo de estudo. Muitas vezes o que ele comunica parece óbvio ou familiar, parece não ser muito diferente do que qualquer pessoa observa no mundo ao redor. Citemos um exemplo. Um professor de sociologia em uma sala de aula resolve falar sobre favela. Ele então descreverá a favela. Falará sobre os seus problemas, sobre seus habitantes, seus hábitos e costumes, sobre as relações entre as pessoas etc. Digamos que vários dos seus alunos vivam em favelas. Para os alunos, parecerá óbvia a descrição do professor. Afinal, eles observam diariamente o contexto que o professor ressalta como se fora uma grande coisa, um achado, uma descoberta. Eles então podem pensar que nada do que o professor fala é novidade, sequer algo que transmita algum conhecimento. E pensariam: isso é sociologia? Eles provavelmente irão concluir que a única diferença é que o professor utiliza uma linguagem sofisticada e pretensiosa para dizer o que eles já sabem. O professor, que começou a aula fazendo uma descrição simples e familiar da favela, passa então a utilizar categorias complexas, conceitos, exemplos de comunidades e organizações comunitárias em outros países, outras culturas, passa a propor comparações pouco familiares, apresentando dados que não aparecem, necessariamente, nos jornais, provavelmente não são comunicados pelos pais dos alunos, tampouco objeto de conversas no bar da esquina. Eis a chave: as coisas não são o que parecem ser. Como salienta Peter Berger, a realidade social possui muitas camadas de significados e a descoberta de cada nova camada modifica a percepção do todo. A favela, antes tão familiar, ganha contornos, desenhos e significados raramente percebidos a “olho nu”. Nesse ponto, podemos pensar que o saber sociológico possui disciplina, possui uma natureza científica, regras de verificação e um quadro de referências com limites rigorosos. E é a partir dessa rica moldura, somada ao controle de preferências e de preconceitos pessoais que ele compreende o mundo, ao mesmo tempo se diferenciando da compreensão que o senso comum tem desse mesmo mundo.

O objetivo será levar os alunos a diferenciarem, através da atividade proposta, o conhecimento sociológico do senso comum. Objetivo específico: estimular os alunos a compreenderem algumas formas de pesquisa sociológica e alguns instrumentos de análise utilizados pelos sociólogos, como por exemplo: pesquisa de campo, pesquisa de opinião, geração e análise de indicadores sociais, interpretação e diagnósticos de problemas sociais etc.

Descrição das atividades

Incentivar os alunos a dizerem quais são as formas de conhecimento sobre a sociedade que eles mais utilizam: magia, crenças, folclore, meios de comunicação - revista, jornais, TV, rádio e Internet -, livros, experiências cotidianas e observação. Utilizar exemplos de interpretações ou visões do cotidiano e pedir que eles diferenciem os termos do senso comum e os da ciência. Levar ao conhecimento dos alunos os instrumentos de análise utilizados pelos sociólogos, como por exemplo: pesquisa de campo, pesquisa de opinião, análise de indicadores sociais (ler, interpretar e utilizar tabelas e gráficos simples).

Local da atividade

Sala de aula.

Material/Recursos didáticos

Quadro negro, dados do censo 2000 do IBGE e recortes de jornais ou revistas sobre os problemas da cidade.

Agendar uma visita dos alunos ao IBGE ou a algum Instituto de pesquisa social.

A produção dos alunos

Incentivar os alunos a trabalharem com os instrumentos de análise sociológica. Utilizar o próprio espaço de sala de aula, dividindo a turma para atividades como: descrição, através de observação, do cotidiano da escola e a relação entre alunos, professores e os demais segmentos que a compõem; fazer uma tabela com o perfil sócio-econômico da população da escola. Pode-se também utilizar os dados do perfil sócio-econômico da população brasileira através do censo 2000 do IBGE, promovendo algumas comparações. Dividir a turma em grupos e pedir que eles falem sobre fenômenos sociais, sobre violência, por exemplo, analisando o fenômeno de uma perspectiva diferenciada do senso comum. A partir de notícias de jornal, pedir que os alunos diferenciem interpretações de fenômenos sociais, observando matérias assinadas por jornalistas e seções de opinião dos jornais. Ao final, espera-se que o aluno possa diferenciar o saber sociológico das visões do senso comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas*. São Paulo: Circulo do Livro, 1976.

CHAUI, Marilena. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002 (série Novo Ensino Médio – volume único).

COSTA, Maria C. Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SCALON, Celi. *Imagens da Desigualdade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

TEMA 3: ETNOCENTRISMO E RELATIVISMO CULTURAL

VOCÊS FAZEM PARTE DE ALGUMA CULTURA?

Apresentação, objetivos e alcances

A cultura e suas formas de percepção constituem um dos temas mais centrais nas Ciências Sociais. O saber antropológico tem se dedicado a tratar esse tema e ao mesmo tempo tem quebrado uma série de mitos e naturalizações sobre o que é a cultura, como ela se representa, como ela é vista, e quais são as suas formas de contato e interação. O tema do etnocentrismo e do relativismo cultural é parte desse interesse. São conceitos que explicam as formas pelas quais a relação ocidente/oriente se estrutura historicamente.

Os objetivos das atividades aqui propostas são: introduzir o tema da cultura buscando despertar no aluno a atenção para a complexidade desse conceito. De que ponto de vista se fala de cultura? Como diferenciamos as culturas em um mesmo contexto nacional? Como comparamos diferentes culturas? As culturas se transformam? Como as culturas são descritas e classificadas? Como elas interagem? Trata-se de tentar quebrar visões que tendem a realçar os preconceitos e estereótipos do que é “diferente”. Pergunta-se, então: como podemos diferenciar culturas sem utilizar concepções de hierarquia e desigualdade ou concepções de progresso e atraso, ou de normalidade e diferença? Como se definem as culturas no Brasil? O que é identidade cultural e o que é identidade étnica?

Descrição das atividades

Propor a leitura do texto de Horace Minner, *Os Sonaciremas*, em sala de aula. De um modo geral, a leitura desse artigo produz um enorme estranhamento nos alunos. Há um enigma no texto que aos poucos os alunos vão desvendando. Após a leitura do texto abre-se a discussão e, considerando as próprias impressões dos alunos, introduz-se o debate sobre cultura e estranhamento ou choque cultural. Essa é uma excelente forma de explorar tanto o etnocentrismo quanto o relativismo cultural. Devemos ressaltar que o objetivo do texto é explorar a questão do etnocentrismo ocidental, mais especificamente norte-americano.

Podemos indicar que as palavras *sonacirema* e *latipsob* significam, respectivamente, *americanos* e *hospital*. Deve ser ressaltado o fato de ser uma etnografia estática, ou seja, em que o antropólogo parte de seu ponto de vista etnocêntrico para descrever os costumes de um povo sem procurar entender a lógica subjacente a eles.

Sugestão de texto para ser lido conjuntamente em sala de aula

O Ritual do Corpo entre os Sonacirema

Horace Minner

A maioria das culturas possui uma configuração particular, ou estilo. Frequentemente, um determinado valor central ou uma forma de perceber o mundo deixam suas marcas em várias instituições da sociedade. Como por exemplo, temos o "machismo" nas culturas de influência ibérica, "face" na cultura japonesa, a "contaminação pelas mulheres" em algumas culturas dos planaltos de Nova Guiné. Neste artigo, Horace Minner demonstra que "atitudes quanto ao corpo" têm uma influência generalizada em muitas instituições da sociedade Sonacirema.

O antropólogo tornou-se tão familiarizado com a diversidade de modos com que diferentes povos reagem diante de situações similares, que ele não consegue se surpreender com os costumes mais exóticos possíveis. Com efeito, se quaisquer entre todas as combinações logicamente possíveis de comportamento não tiverem sido encontradas em alguma parte do mundo, ele tem o direito de suspeitar que elas devem estar presentes em alguma tribo ainda não estudada. Esta observação já foi realmente feita por Murdock, no que diz respeito à organização clânica. Neste sentido, as crenças e práticas mágicas dos Sonacirema apresentam aspectos tão poucos usuais, que nos parece importante descrevê-las como exemplo dos extremos a que o comportamento humano pode chegar.

O Prof. Linton foi o primeiro a chamar a atenção dos antropólogos para o complexo ritual dos Sonacirema, há vinte anos atrás, mas a cultura deste povo é ainda pouco compreendida. Os Sonacirema são um grupo norte-americano que vive no território que se estende desde os Cree do Canadá, aos Yaqui e Tarahumara do México, e aos Caribe e Aruaque das Antilhas. Pouco se sabe quanto à sua origem, embora a tradição mítica afirme que eles vieram do leste.

A cultura Sonacirema se caracteriza por uma economia de mercado altamente desenvolvida, que se beneficiou de um habitat cultural muito rico. Embora a maior parte do tempo das pessoas, nesta sociedade, seja devotada à ocupação econômica, uma grande porção de frutos destes trabalhos e uma considerável parte do dia são despendidas em atividades rituais. O foco destas atividades é o corpo humano, cuja aparência e saúde constituem a preocupação dominante dentro do ethos deste povo. Embora tal tipo de preocupação não seja realmente pouco comum, seus aspectos cerimoniais e a filosofia aí implícitas são únicas.

A crença fundamental subjacente a todo o sistema parece ser a de que corpo humano é feio, e que sua tendência natural é a debilidade e a doença. Encarcerado em tal corpo, a única esperança do homem é evitar estas características, através do uso de

poderosas influências do ritual e da cerimônia. Todo o grupo doméstico possui um ou mais santuários dedicados a tal propósito. Os indivíduos mais poderosos desta sociedade têm vários santuários em sua casa e, de fato, a opulência de uma casa é freqüentemente aferida em termos da quantidade dos centros de rituais que abrigam. A maioria das casas é de taipa, mas o santuário dos mais ricos tem as paredes cobertas de pedra. As famílias mais pobres imitam os ricos, aplicando placas de cerâmica nas paredes dos seus santuários.

Embora cada família possua ao menos um destes santuários, os rituais a eles associados não são cerimônias familiares, mas sim privadas e secretas. Os ritos, normalmente, só são discutidos com as crianças, e isto apenas durante a fase em que elas estão sendo iniciadas nestes mistérios. Eu pude, entretanto, estabelecer com os nativos uma relação que me permitiu examinar este santuário e anotar a descrição destes rituais.

O ponto focal do santuário é uma caixa ou arca embutida na parede. Nesta arca, são guardados os inúmeros feitiços e poções mágicas, sem os quais nenhum nativo acredita que poderia viver. Tais feitiços e poções são obtidos de vários profissionais especializados. Dentre estes, os mais poderosos são os curandeiros, cujos serviços devem ser retribuídos por meio de presentes substanciais. No entanto, o curandeiro não fornece as poções curativas para os seus clientes, decidindo apenas os ingredientes que nelas devem entrar, escrevendo-os em seguida em uma linguagem antiga e secreta. Tal escrito só pode ser decifrado pelo curandeiro e pelos herbanários, os quais, mediante outros presentes, fornecem o feitiço desejado.

O feitiço não é descartado depois de ter servido a seu propósito, mas sim colocado na caixa de mágica do santuário doméstico. Como esses materiais mágicos são específicos para certas doenças, e considerando-se que as doenças reais ou imaginárias deste povo são muitas, a caixa de mágicas costuma estar sempre transbordando. Os pacotes mágicos são tão numerosos que as pessoas esquecem sua serventia original e temem usá-los de novo. Embora os nativos tenham se mostrado vagos em relação a esta questão, só podemos concluir que a idéia subjacente ao costume de se guardar todos os velhos materiais mágicos é a de que sua presença na caixa de mágica, diante da qual os rituais do corpo são encenados, protegem de alguma forma o fiel.

Embaixo da caixa de mágicas existe uma pequena fonte. Todo dia cada membro da família, em sucessão, entra no quarto do santuário, curva a cabeça diante da caixa de mágica, mistura diferentes tipos de água sagrada na fonte e realiza um breve rito de ablução. As águas sagradas são obtidas do Templo da água da comunidade, onde os sacerdotes conduzem elaboradas cerimônias para manter o líquido ritualmente puro.

Na hierarquia dos profissionais da magia e abaixo do curandeiro, em termos de prestígio, estão os especialistas cuja designação é melhor traduzida por "homens-da-boca-sagrada". Os Sonacirema têm um horror pela boca e uma fascinação por ela que chega às raias da patologia. Acredita-se que a condição da boca possui uma influência sobrenatural nas relações sociais. Não fosse pelos rituais da boca, os Sonacirema acham que seus dentes cairiam, suas gengivas sangrariam, suas mandíbulas encolheriam, seus amigos os abandonariam, seus amantes os rejeitariam. Eles também acreditam na existência de uma forte relação entre características orais e morais. Assim, por exemplo, existe uma ablução ritual da boca das crianças que se considera como forma de desenvolver sua fibra moral.

O ritual do corpo cotidianamente realizado por todos inclui um rito bucal. Apesar de sabermos que este povo é tão meticoloso no que diz respeito ao cuidado da boca, este rito envolve uma prática que o estrangeiro não-iniciado não consegue deixar de achar repugnante. Conforme foi descrito, o rito consiste na inserção de um pequeno feixe de cerdas de porco na boca, juntamente com certos pós mágicos, e em seguida na movimentação deste feixe segundo uma série de gestos altamente formalizados.

Além deste rito bucal privado, as pessoas procuram um homem-da-boca-sagrada uma ou duas vezes por ano. Estes profissionais possuem uma impressionante parafernália que consiste em uma variedade de perfuratrizes, furadores, sondas e agulhas. O uso destes objetos no exorcismo dos perigos da boca implica uma quase e inacreditável tortura ritual do cliente. O homem-da-boca-sagrada abre a boca do cliente e, usando as ferramentas citadas, alarga qualquer buraco que o uso tenha feito nos dentes. Materiais mágicos são então depositados nestes buracos. Se não se encontram buracos naturais nos dentes, grandes seções de um ou mais dentes são serrados, para que a substância sobrenatural possa ser aplicada. Na imaginação do cliente, o objetivo destas aplicações é deter o apodrecimento dos dentes e atrair amigos. O caráter extremamente sagrado e tradicional do mito fica evidente no fato de que os nativos retornam todo ano ao homem-da-boca-sagrada, embora seus dentes continuem a se deteriorar.

Deve-se esperar que, quando um estudo intensivo dos Sonacirema for feito, seja realizada uma pesquisa cuidadosa sobre a estrutura de personalidade desses nativos. Basta observar o brilho nos olhos de um homem-da-boca-sagrada quando ele enfia uma agulha em um nervo exposto, para que se suspeite de que uma certa dose de sadismo está presente. Se isto puder ser verificado, uma configuração muito interessante emergirá, posto que a maioria da população mostra tendências masoquistas bem definidas. Era a tais tendências que o Professor Linton se referia, ao discutir uma parte especial do ritual cotidiano do corpo, que é apenas realizada pelos homens. Esta parte do rito envolve uma arranhadura e laceração da superfície do rosto por meio de um instrumento cortante. Ritos femininos especiais ocorrem somente quatro vezes por mês lunar, mas o que lhes falta em frequência lhes sobra em barbárie. Como parte desta cerimônia, as mulheres assam suas cabeças em pequenos fornos durante mais ou menos uma hora. O ponto teoricamente interessante é que um povo predominantemente masoquista desenvolve especialistas sádicos.

Os curandeiros possuem um templo imponente, o latipsoh, em cada comunidade de algum tamanho. As cerimônias mais elaboradas, necessárias para o tratamento de pacientes muito doentes, só podem ser realizadas neste templo. Tais cerimônias envolvem não só o taumaturgo, mas também um grupo permanente de vestais que se movimentam nas câmaras do templo com uma roupa e um penteado distintivos.

As cerimônias latipsoh são tão violentas que chega a ser fenomenal o fato de que uma razoável proporção dos nativos realmente doentes que entram no templo consiga curar-se. Crianças pequenas, com doutrinação ainda incompleta, costumam resistir às tentativas de levá-las ao templo, alegando que "é aonde você vai para morrer". Apesar disto, os doentes adultos não apenas desejam, como ficam ansiosos para submeter-se à prolongada purificação ritual, se eles possuem meios para tanto. Os guardiães de muitos templos, não importa quão doente o suplicante ou quão grave a emergência,

não admitem o cliente se ele não puder dar um rico presente ao zelador. Mesmo depois de ter conseguido a admissão e sobrevivido às cerimônias, os guardiães não permitem a saída do neófito até que este dê ainda outro presente.

O(a) suplicante, ao entrar no templo, é primeiramente despido(a) de todas as suas roupas. Na vida cotidiana, os Sonacirema evitam a exposição de seus corpos quando das suas funções naturais. O banho e a excreção são realizados somente na intimidade do santuário doméstico, aonde são ritualizados, fazendo parte dos ritos corporais. A súbita perda da privacidade corporal, ao se entrar no latipsoh, costuma causar um choque psicológico. Um homem, cuja própria mulher jamais viu quando ele realizava um ato excretório, de repente encontra-se nu, assistido por uma vestal, enquanto executa assim suas funções naturais dentro de um vaso sagrado. Este tipo de tratamento cerimonial é necessário porque as excreções são usadas por um adivinho para diagnosticar o curso e a natureza da doença do paciente. Os clientes femininos, por seu lado, vêem seus corpos nus submetidos ao escrutínio, manipulação e espetadelas dos curandeiros.

Poucos suplicantes no templo estão suficientemente bem para fazer qualquer coisa que não seja ficar deitados em suas camas duras. As cerimônias, como os já citados ritos do homem-da-boca-sagrada, implicam desconforto e tortura. Com precisão ritual, as vestais acordam a cada madrugada seus miseráveis pacientes, rolam-nos em seus leitos de dor, enquanto realizam abluções, cujos movimentos formalizados são objeto de treinamento intensivo das vestais. Em outros momentos, elas inserem varas mágicas na boca do paciente, ou obrigam-no a comer substâncias que são consideradas curativas. De tempos em tempos, os curandeiros vêm até seus pacientes e atiram agulhas magicamente tratadas em sua carne. O fato de que estas cerimônias do templo possam não curar, ou possam mesmo matar o neófito, não diminui de modo algum a fé do povo nos curandeiros.

Ainda resta um outro tipo de especialista, conhecido como um “escutador”. Este feiticeiro tem o poder de exorcizar os demônios que se alojam nas cabeças das pessoas que foram enfeitigadas. Os Sonacirema acreditam que os pais fazem feitiçaria entre seus próprios filhos. As mães são especialmente suspeitas de colocarem uma maldição na criança, enquanto ensinam a elas os ritos corporais secretos. A contra-magia do feiticeiro “escutador” é singular por sua relativa ausência de ritual. O paciente simplesmente conta ao “escutador” todos os seus problemas e medos, começando com as primeiras dificuldades de que pode se lembrar. A memória exibida pelos Sonacirema nestas sessões de exorcismo é verdadeiramente notável. Não é incomum que o paciente lamente a rejeição que sentiu ao ser desmamado, e alguns indivíduos chegam a localizar seus problemas nos efeitos traumáticos de seu próprio nascimento.

Para concluirmos, deve-se mencionar certas práticas que estão baseadas na estética nativa, mas que dependem da aversão generalizada ao corpo e às funções naturais. Há jejuns rituais para fazer pessoas gordas ficarem magras, e banquetes cerimoniais para fazer pessoas magras ficarem gordas. Outros ritos ainda são usados para fazer os seios das mulheres maiores, se eles são pequenos, e menores se eles são grandes. Uma insatisfação geral com a forma dos seios é simbolizada pelo fato de que a forma ideal está virtualmente fora do espectro da variação humana. Umas poucas mulheres que sofrem de um quase inumano desenvolvimento hipermamário são tão idolatradas

que podem viver muito bem através de simples viagens aldeia, permitindo aos nativos admirá-las mediante uma taxa.

Já fizemos referências ao fato de que as funções excretórias são ritualizadas, rotinizadas e relegadas ao domínio do secreto. As funções reprodutivas naturais são igualmente distorcidas. O intercuro sexual é tabu como tópico de conversa, programado e planejado enquanto ato. Grandes esforços são feitos para evitar a gravidez por meio de uso de materiais mágicos ou pela limitação do intercuro em certas fases da lua. A concepção é realmente muito pouco freqüente. Quando grávidas, as mulheres se vestem de forma a ocultar seu estado. O parto se realiza em segredo, sem amigos ou parentes assistindo, e a maioria das mulheres não amamenta nem cuida dos seus bebês.

Nossa descrição da vida ritual dos Sonacirema certamente mostrou que eles são um povo obcecado pela magia. É difícil compreender como eles conseguiram sobreviver por tanto tempo debaixo dos pesados fardos que eles mesmos se impuseram. Mas, mesmo os costumes tão exóticos quanto estes ganham seu verdadeiro sentido quando encarados a partir do esclarecimento feito por Malinowski, que escreveu:

“Olhando de cima e de longe, dos lugares seguros e elevados da civilização desenvolvida, é fácil ver toda rudeza e a irrelevância da magia. Mas sem este poder e este guia, o homem primitivo não poderia ter dominado as dificuldades práticas como fez, nem poderia o homem ter avançado até os mais altos estágios da civilização”.

Minner, Horace. “Body Ritual among the Nacirema” *In American Anthropologist*, vol. 58 (1956), pp. 503-507.

Local da atividade

Sala de aula

Material / Recursos didáticos

Texto e quadro negro.

A produção dos alunos

Pedir que os alunos desenvolvam uma etnografia de algum aspecto da sua cultura, ou o que ele considera ser a sua cultura, e promover uma aula em que eles possam ler as suas etnografias em público. A etnografia é uma descrição densa de um caso, de uma situação, de um fenômeno, de um conflito, de um ritual, de uma celebração, por exemplo. Essa é uma excelente forma de o aluno exercitar, através da elaboração de um texto narrativo, suas impressões dos fenômenos a partir do seu ponto de vista, reconhecendo que é apenas um ponto de vista entre outros, e que, ademais, não é necessariamente o ponto de vista verdadeiro, tampouco o ponto de vista dos atores sociais que ele porventura descreva.

ATIVIDADE 2

Descrição da atividade

Introduz-se o tema do Etnocentrismo e Relativismo cultural através do vídeo “Pés de Lótus”, que mostra a saga de mulheres chinesas que, quando crianças, atavam os pés para que ficassem pequenos. Após o filme, os alunos realizam um debate, orientados pelas seguintes perguntas: o que mais lhe chamou atenção? Que outros exemplos vocês conhecem que se aproxima desse comportamento cultural? O que vocês acham que motiva essa prática cultural? Como vocês julgariam essa prática? Durante a discussão, provavelmente irão surgir outros exemplos de comportamento cultural, assinalados pelos alunos, que produziram neles a sensação do estranhamento ou choque cultural. Esse aspecto permite que o debate se enriqueça, momento em que se deve introduzir os conceitos de cultura e relativismo cultural.

Alcance

A partir do estranhamento, do choque cultural, o aluno provavelmente ficará motivado a conhecer outras culturas exatamente pelo o que elas manifestam de diferente. Nesse sentido, o “diferente”, antes de ser uma ameaça, transforma-se em algo alternativo. Esta é uma aula que desperta no aluno a curiosidade e a motivação necessárias para investigar a diversidade cultural e refletir sobre como também somos levados a juízos etnocêntricos sobre o “outro”.

Recursos

Utilização do vídeo em sala de aula ou no espaço que a escola destina para tal atividade.

Obs. Podem ser utilizados quaisquer outros filmes que produzam estranhamento por revelar práticas e hábitos culturais diferentes dos da cultura ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Julia F., *A Invasão Cultural Norte-Americana*, Col. Polêmica, SP:Moderna, 1995.
- COSTA, Maria C. Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. SP: Moderna, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MATTA, Roberto Da. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Cultural*, RJ: Vozes, 1981.
- OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- QUEIRÓZ, Renato da Silva. *Não Vi e Não Gostei – O Fenômeno do Preconceito*. SP: Moderna, 1995.
- ROCHA, Everardo. *O Que é Etnocentrismo*. Coleção Primeiros Passos. SP: Editora Brasiliense, 1984.

TEMA 4: DIVERSIDADE CULTURAL

A CELEBRAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL: TOLERÂNCIA OU INTOLERÂNCIA?

Apresentação, objetivos e alcances

Uma das questões mais debatidas hoje no mundo é o respeito às diferenças culturais e à diversidade cultural, como expressão de grupos que querem afirmar os seus modos de vida, as suas especificidades culturais e o direito a poder exhibir em público as marcas das suas diferenças. É um tema que fala de tolerância, embora nos alerte para as possibilidades da intolerância quando essas diferenças entram em disputa por mais direitos e maior visibilidade. É um tema controverso e suas expressões podem ser motivo de celebração quando as diferenças convivem harmonicamente, ou podem ser bastante perversas quando se transformam em objeto de preconceitos, de guerras e de genocídios, a exemplo de conflitos étnicos no continente africano, de tensões raciais nos Estados Unidos e na África do Sul, de tensões religiosas, a exemplo dos fundamentalistas em países do ocidente. O choque entre culturas e civilizações e a politização do tema do direito à diferença, além de serem fenômenos bastante atuais, convidam ao olhar sociológico. Pergunta-se, então: como a diversidade cultural é vista no Brasil? A diversidade cultural é cultivada no Brasil? Há culturas diferenciadas no Brasil? Como elas se manifestam? A mestiçagem no Brasil dilui as diferenças ou as afirma?

Descrição da atividade

- 1) Dividir a turma em grupo e trabalhar as manifestações culturais existentes nas regiões brasileiras (norte, nordeste, centro-oeste, sul, sudeste), considerando os sotaques, as músicas, as comidas típicas e explorar o tema da mestiçagem no Brasil e o tema do preconceito regional;
- 2) Pode-se também dividir a turma e pedir que cada grupo explore a diversidade das “tribos urbanas”. Como os grupos urbanos se diferenciam? Quais são as suas marcas de diferenciação? Quais são os seus “rituais” de diferenciação. Perguntar aos alunos se eles fazem parte de algum

dos chamados grupos urbanos. Pode-se pensar igualmente nas diferenças religiosas ou de crenças. Como elas se diferenciam? Por que algumas religiões são mais aceitas? Por que alguns rituais religiosos são estigmatizados?

Local da atividade

Sala de aula e observações em diferentes lugares e espaços da cidade.

Material / Recursos didáticos

Quadro negro e mapas regionais e do Brasil.

A produção dos alunos

Para a primeira atividade, os alunos devem investigar em suas famílias a origem regional dos avós e dos pais observando seus hábitos, costumes, modos de ver o mundo, através de densa descrição de cada aspecto do que eles observam como marcas de diferenciação no interior da sua própria família. Devem levar para a sala de aula objetos que suas famílias guardam como ícones da sua regionalidade. Nesse contexto, eles devem discutir o que perceberam como diversidade e como eles julgam essa diversidade.

Para a segunda atividade: Os alunos, em grupo ou individualmente, farão um mapeamento espacial e cultural dos diferentes grupos urbanos na cidade do Rio de Janeiro. Eles devem escolher lugares específicos para realizarem as suas observações: baile funk (funkeiros) espaços dos punks, grunges etc; Maracanã em dia de jogo (torcedores), quadra de escolas de samba em dia de ensaio (adeptos do samba, ou do pagode), feira de São Cristóvão (nordestinos), Shopping Centers e SAARA (consumidores), praias na zona sul e Piscinão de Ramos (diferentes tipos de banhistas), rodas de capoeira (capoeiristas) etc. Para outras regiões do estado, o professor deve avaliar que locais apresentam grupos que exibem alguma especificidade (podem ser grupos religiosos também).

Nesses locais o aluno deve desenvolver uma observação densa sobre as pessoas que se consideram parte desses grupos ou que freqüentam os lugares associados a esses grupos. Sugere-se que elas observem: qual é a cor predominante das pessoas? Como elas se vestem? Como elas gesticulam? Que expressões elas usam? Quais seriam, em sua imaginação, as origens sociais dessas pessoas? Os alunos podem realizar uma dramatização expressando os diferentes grupos que eles identificaram e observaram.

Uma outra atividade pode consistir na identificação, através de jornais, revistas e filmes, da manifestação de intolerância tão presente no mundo hoje. Identificar nos jornais, por exemplo, a proliferação de conflitos étnicos, raciais e religiosos em diversos contextos no mundo por razões de preconceitos, discriminação e incompatibilidades de hábitos.

Alcance

O importante é que os alunos se percebam não mais como “consumidores” ou participantes desses espaços, ainda que eles sejam, mas como observadores atentos às expressões desses diferentes grupos. Nesse sentido, eles estarão produzindo uma versão diferenciada do senso comum. Eles podem aquilatar também em que medida a diversidade cultural expressa um cenário rico de diferenciações e, por outro lado, em que medida a diferenciação cultural, quando demarcada por fronteiras rígidas (regionais, étnicas, raciais e religiosas), pode produzir essencializações, intolerância e exclusão. Ou seja, uma vez que se pertença a um grupo, não se pode fazer parte de outro. Nesse sentido, a diversidade étnica e cultural pode ser mais uma prisão do que expressão de liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos, nº 36).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982 (Coleção Primeiros Passos, nº 60).
- CARNEIRO, Sueli. *Diversidade e desigualdade*. www.care.org.br
- FRY, Peter. *A Persistência da Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRIN, Monica. “Auto-confrontação racial e opinião: o caso brasileiro e o norte-americano”. *Revista Interseções*, UERJ, ano 6, n.1, julho de 2004.
- GUILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. SP: Editora 34, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio S. *Racismo e anti-racismo no Brasil*, São Paulo: Editora 34, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. RJ: Graal, 1979.
- MAGGIE, Yvonne. “Mario de Andrade Ainda Vive? O ideário modernista em questão”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n.58, junho de 2005.
- OLIVEIRA, Pérsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia e QUEIROZ, Renato da Silva (Orgs). *Raça e Diversidade*. SP: EDUSP, 1996.
- SOARES, Luiz Eduardo. “A Duplicidade da Cultura Brasileira”, in SOUZA, Jessé. *O Malandro e o Protestante*, Brasília: Editora UnB, 1999.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Sugestão de Filmes

“O auto da compadecida”. Direção: Guel Arraes

“Mississipi em Chamas”

“A Outra História Americana”

“Um Grito de Liberdade”

“Fala Tu”

“Os Outros”. Direção: Fernando Mozart. Núcleo de Antropologia e Imagem (NAI), Uerj.

“Raízes do Brasil”

“Casa Grande e Senzala. Direção: Nelson Pereira dos Santos

“Pleasantville” – A vida em preto e branco. Direção: Gary Ross.

“A Hora do Show”. Direção: Spike Lee

TEMA 5: DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O BRASIL É UMA DEMOCRACIA RACIAL?

Apresentação e objetivos

O tema da discriminação racial é hoje objeto de relevante produção sociológica e de crescente interesse político no Brasil e no mundo. Num mundo em que valorização da diversidade racial é cada vez mais cultivada, a afirmação de diferentes raças como parte do pleito político por reconhecimento da diferença ganha corpo, inclusive no Brasil, país de relevante população preta e parda. O movimento negro no Brasil, após uma longa jornada desde a abolição, vem conquistando direitos cujos alvos são: a afirmação política dos negros, o fim da discriminação racial, maiores oportunidades no mercado de trabalho e na educação, afirmação da ascendência africana e maior participação em todos os setores da sociedade. Essa luta, entretanto, enfrenta algumas resistências. Uma delas é a preocupação manifestada pela opinião pública de que se o Brasil cultivar a diferenciação racial colocará em risco um dos maiores patrimônios brasileiros: a miscigenação racial.

O objetivo desse módulo é tratar as seguintes questões: (i) o conceito de raça e etnia; (ii) desigualdades raciais; (iii) percepções sobre as desigualdades raciais; (iv) ação afirmativa e cotas; e (v) o anti-semitismo como forma de racismo.

Descrição da atividade

Trabalhar com os alunos, em grupo ou individualmente, os dados oficiais do IBGE que demonstram a presença das desigualdades raciais em nossa sociedade. Fazer um levantamento histórico sobre a trajetória dos negros no período pós-abolição no Brasil e o mito da democracia racial. Analisar o Estatuto da Igualdade Racial a ser aprovado no Congresso. Debater o critério de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. Comparar historicamente as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos.

Descrição das atividades

1) Ler com os alunos o Estatuto da Igualdade Racial e a Declaração dos Direitos do Homem, pedindo que eles se manifestem sobre os itens que consideram justo ou injusto. Analisar com os alunos pesquisas sobre desigualdade racial e rever o Estatuto, conferindo em que medida os alunos modificaram seus juízos. Discutir com os alunos o critério de cotas raciais para o acesso às universidades públicas. 2) Pedir que os alunos relatem casos de discriminação racial que eles observam no dia a dia. 3) Elaborar no mural ou quadro negro duas colunas (discorda e concorda). Pedir que os alunos se manifestem sobre algumas afirmações preconceituosas, ou estereótipos, consolidadas no imaginário popular. Essas afirmações devem ser lidas em voz alta pelo professor. As afirmações podem ser as que se seguem:

“Que as pessoas negras tenham vagas reservadas nas universidades”; “que os índios tenham vagas reservadas na universidade”; “as cotas raciais vão acirrar o conflito racial”; “os professores tendem a discriminar os alunos negros”; “os professores tendem a discriminar os alunos pobres”; “as famílias negras dão menos importância aos estudos que as famílias brancas”; “os negros são geralmente pobres e por isso tem mais dificuldade de aprender do que os alunos brancos”; “as diferenças entre negros e brancos se devem ao passado escravista”; “as diferenças sócio-econômicas entre negros e brancos se devem ao preconceito racial”; “os negros geralmente aproveitam pouco as oportunidades que tem”; “a cultura negra dá mais valor às artes do que aos estudos”; “os brancos dão mais valor aos estudos do que os negros”; “o maior patrimônio do Brasil é a sua cultura miscigenada”; “a democracia racial é uma farsa”; “introduzir cotas nas universidades vai prejudicar o Brasil miscigenado e vai acirrar as tensões raciais”; “é melhor o conflito racial aberto do que o preconceito velado”; “os negros têm preconceito contra eles próprios”.

Após a leitura e a manifestação dos alunos sobre essas afirmações, eles devem se pronunciar sobre se concordam ou discordam das afirmações. O quadro ou mural revelará então o quanto há de preconceito enraizado na cultura racial brasileira e nesse sentido os alunos serão capazes de olhar para o seu próprio preconceito e eventualmente rever suas posições. Utilizar outros exemplos de discriminação racial com implicações trágicas para suas vítimas. O holocausto é um exemplo bastante sugestivo, pois se trata de um fenômeno de racismo não diretamente relacionado à cor da pele ou à origem social. O exemplo do holocausto demonstra que o racismo não possui apenas um tipo de vítima. Utilizar algum filme sobre o holocausto e mostrar como se construiu o racismo contra os judeus ou anti-semitismo na Alemanha nazista. Pensar então nos vários significados do racismo contemporâneo.

Anti-Semitismo no Nazismo

Um estudo do historiador Erich Goldhagen, do Russian Research Center, da Universidade de Harvard, destaca que “a maioria dos relatos sobre o extermínio dos judeus europeus descreve com grandes detalhes a ação e as circunstâncias, mas não se refere minuciosamente ao motivo dos assassinatos”. Em artigo publicado na revista Shalom, ele discutiu o surgimento de grupos organizados em tempos de crise sócio-econômica, interessados na destruição da ordem existente com a promessa de substituí-

la por uma outra. Em resumo, na sua opinião, o Partido Nacional Socialista “teria levado adiante uma filosofia que implicava não somente explicar as causas da derrota alemã na Primeira Guerra e os problemas sócio-econômicos do país, mas também todo o curso da história. No centro dessa filosofia colocou-se a teoria da conspiração judia, que era então o cerne do principal mito nazista”. Goldhagen tentou sintetizar essa tese que, segundo ele, contém várias contradições de lógica que os nazistas raramente se preocupavam em corrigir. Para eles, a história da humanidade era entendida como uma guerra de raças em contraposição ao que pregavam os marxistas a respeito da luta de classes. Ocupando importantes funções dentro da economia, artes, meios de comunicação e literatura, os judeus atingiram, segundo os nazistas, seu objetivo para a conquista do poder através do liberalismo e da democracia em alguns países e, em outros, sob a máscara do socialismo e do comunismo. Adolf Hitler chegou a profetizar o destino da humanidade se os judeus fossem bem sucedidos no que considerava uma conspiração. Algumas semanas antes de as câmaras de gás de Auschwitz começarem a funcionar, o Führer disse que a “guerra não terminará como os judeus imaginam, especialmente com o extermínio do povo ariano europeu. O resultado desta guerra será a destruição dos judeus”. Dessa forma, analisa Goldhagen, “esses apelos contraditórios serviram para atrair as várias classes do movimento nazista, mas não poderiam resolver os antagonismos que as dividiam. Esse problema era em parte resolvido pela imaginária ameaça judia. Em face do perigo judeu o trabalhador alemão resolveu suas diferenças com os inimigos de classe, chegando a um consenso que contemplava os interesses comunitários. Também a idéia da inferioridade judia, e conseqüentemente superioridade alemã, teve implicações pseudo-igualitárias que representaram outro fator para a coesão nacional. Frente à maciça propaganda contra os ‘judeus subumanos’, os alemães miseráveis e famintos consideravam-se iguais aos alemães de classe superior, uma vez que o mesmo sangue nórdico corria em suas veias”. Goldhagen destaca a característica de regimes totalitários em dividir o mundo entre o sagrado e o profano. Desta maneira, o anti-semitismo serviu aos nazistas “não somente como uma bandeira de união em sua ascensão ao poder, mas continuou exercendo funções essenciais ao regime”. “Ao contrário dos comunistas, que se dirigiam apenas ao proletariado, Hitler apelava para todo o estrato da sociedade alemã. Para os trabalhadores, os nazistas se apresentavam com a máscara socialista e se declaravam inimigos da ‘plutocracia capitalista’. Para os industriais, prometiam reprimir os poderosos sindicatos alemães e a esquerda. A classe média, mais duramente atingida pela crise econômica, era assediada com promessas de segurança econômica, proteção contra o avanço comunista e restauração do status perdido”.

Exercício

Ler esse texto e debatê-lo em sala de aula comparando as diferentes formas de racismo: contra os negros e contra os judeus.

Atividade complementar

Analisar a letra da música “Lavagem Cerebral”, de Gabriel O Pensador, e retirar as motivações para o debate sobre racismo em uma linguagem de enorme apelo para os alunos.

Lavagem Cerebral

Gabriel O Pensador

Racismo preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A “elite” que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral
Não seja um imbecil
Não seja um Paulo Francis
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?

O quê que importa se ele é preto e você é branco?

Aliás branco no Brasil é difícil porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda então olhe pra trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura então porque o preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou...
Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
Uns com a pele clara outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final:
Faça uma lavagem cerebral
Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou que lava o chão de uma delegacia
É revistado e humilhado por um guarda nojento que ainda recebe o salário e o pão de cada dia graças ao negro ao nordestino e a todos nós
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
Me responda se você discriminaria
Um sujeito com a cara do PC Farias
Não você não faria isso não...
Você aprendeu que o preto é ladrão

Muitos negros roubam mas muitos são roubados
 E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
 Porque se ele passa fome
 Sabe como é:
 Ele rouba e mata um homem
 Seja você ou seja o Pelé
 Você e o Pelé morreriam igual
 Então que morra o preconceito e viva a união racial

Quero ver essa musica você aprender e fazer
 A lavagem cerebral
 O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
 É o que pensa que o racismo não existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racismo está dentro de você

Local da atividade

Sala de aula

Material / Recursos didáticos

Quadro de giz, dados estatísticos, Estatuto da Igualdade Racial (procurar na Internet) e Declaração dos Direitos do Homem, filmes sobre racismo contra os negros e sobre anti-semitismo, aparelho de som para execução da música.

A produção dos alunos

Incentivar os alunos a relatarem casos de discriminação racial vividos ou presenciados em suas vivências e observações diárias. Pedir que eles elaborem uma “declaração anti-racista” que pode ser sob a forma de um texto, música (pode ser Rap, samba, rock) encenação, ou poesia etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zigmunt *Modernidade e Holocausto*. RJ: Jorge Zahar, 1998.
- COSTA, Maria C. Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.
- FRY, Peter. *A Persistência da Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRIN, Monica. “Auto-confrontação racial e opinião: o caso brasileiro e o norte-americano”. Revista Interseções, UERJ, ano 6, n.1, julho de 2004.
- GUILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. SP: Editora 34, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio S. *Racismo e anti-racismo no Brasil*, São Paulo: Editora 34, 1999.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. RJ: Graal, 1979.
- MAGGIE, Yvonne. “Mario de Andrade Ainda Vive? O ideário modernista em questão”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 20, n.58, junho de 2005.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia e QUEIROZ, Renato da Silva (Orgs). *Raça e Diversidade*. SP: EDUSP, 1996.

Sugestão de Filmes

- “Mississippi em Chamas”
- “A Outra História Americana”
- “Um Grito de Liberdade”
- “Os sobreviventes do Holocausto”
- “A Lista de Schindler”
- “O Pianista”

TEMA 6: DESIGUALDADE SOCIAL

COMO MEDIR A DESIGUALDADE SOCIAL?

Apresentação e objetivos

Uma análise séria das questões sociais no Brasil não pode deixar de levar em consideração um dos seus problemas estruturantes: a desigualdade social. Essa desigualdade nem sempre é percebida ou aquilatada pelo senso comum com a densidade que ela merece. As pessoas em geral percebem de um lado a miséria e a pobreza e, de outro, a riqueza e a fartura, mas poucos se perguntam sobre o por quê e como determinadas sociedades apresentam posições tão desiguais entre os seus segmentos sociais. O Brasil é um país em que os índices de desigualdade social são dos mais perversos, ou seja, a distância entre ricos e pobres é alarmante. A desigualdade social aqui se manifesta em todos os lugares: na educação, na renda, no emprego e na cidadania, e isso mostra o quão multifacetada é a cara da desigualdade social no Brasil. O objetivo aqui é que o aluno conheça as dimensões da desigualdade através dos dados objetivos e, especialmente, através de percepções formuladas por pessoas comuns.

ATIVIDADE 1

Pedir que os alunos relacionem as imagens da desigualdade no Brasil através de fotos de jornais, revistas ou através de desenhos que eles mesmos façam. Reunidas as imagens da desigualdade, o professor deve estimular uma outra imagem, só que agora através de números, ou seja, utilizando-se das estatísticas sobre desigualdades, para que eles compreendam as disparidades reveladas nos indicadores sociais. Estimulados pela análise dos números estatísticos a partir de dados do IBGE (Censos e PNADs), de preferência com a colaboração do professor de matemática da escola, ele então produzirá um questionário, a ser aplicado no seu bairro, ou mesmo na escola, a fim de perceber em que medida, nos espaços pesquisados, ele encontra não apenas a dimensão numérica da desigualdade mas as percepções de justiça e injustiça sobre desigualdades sociais manifestadas pelo entrevistados em suas respostas ao questionário. Através dos resultados da pesquisa, os alunos poderão então considerar como o governo, a iniciativa privada e a sociedade civil organizada podem combater o problema da desigualdade social e da injustiça social no Brasil.

Recursos materiais: Computador com programa de planilha (Excel, por exemplo) e pesquisa pela internet dos Indicadores Sociais do IBGE e outros. (www.ibge.org.br), (www.pnud.org.br)

Produto: elaboração de um questionário que servirá de base à pesquisa de percepções sobre a desigualdade social no bairro ou na escola. Esse questionário pode ser criado exclusivamente pelos alunos, embora o professor possa estimulá-lo com algumas questões, como as que se seguem:

Sugestão para o questionário a ser realizado pelos alunos

Questionário sobre percepções de Desigualdades Sociais (nome da escola ou do bairro)

01. Considerando que a sociedade brasileira está dividida em classes sociais, em que classe o sr.(a) se colocaria? (*estimulado*)

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 1. Classe Alta | 5. Classe Trabalhadora |
| 2. Classe Média Alta | 6. Classe Baixa/Pobre |
| 3. Classe Média | 7. Nenhuma |
| 4. Classe Média Baixa | |

02. Em que medida o sr.(a) concorda ou discorda com as seguintes afirmações: (*estimulado*)

1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte
3. Não concorda nem discorda
4. Discorda em parte
5. Discorda totalmente

02A. “No Brasil, as pessoas são recompensadas pelos seus esforços.”

02E. “Atualmente, no Brasil, para subir na vida é preciso ser corrupto.”

02B. “No Brasil as pessoas são recompensadas pela sua inteligência.”

02F. “No Brasil é preciso ter sorte para se dar bem na vida.”

02C. “No Brasil as pessoas são recompensadas pelas suas qualificações profissionais.”

02G. “No Brasil é importante conhecer pessoas ‘bem colocadas’ para subir na vida”.

02D. “No Brasil as pessoas brancas sempre se dão melhor.”

03. Em que medida o sr(a) concorda ou discorda com as seguintes afirmações: (*estimulado*)

1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte
3. Não concorda nem discorda
4. Discorda em parte
5. Discorda totalmente

03A. “No Brasil, as diferenças de renda são muito grandes.”

ganham muito e as pessoas que ganham pouco.”

03B. “No Brasil as diferenças de renda são semelhantes as existentes em qualquer grande país”.

03D. “É responsabilidade de cada indivíduo combater a desigualdade social”.

03C. “É responsabilidade do Governo diminuir as diferenças de renda entre as pessoas que

03E. “As diferenças de renda refletem as diferenças de capacidade entre os indivíduos”.

04. O sr(a) acha que as pessoas que ganham muito deveriam pagar mais impostos, os mesmos impostos ou menos impostos do que as pessoas que ganham pouco? (*estimulado*)

- | | |
|------------------------------|-------------------------------|
| 1. Pagar muito mais impostos | 4. Pagar menos impostos |
| 2. Pagar mais impostos | 5. Pagar muito menos impostos |
| 3. Pagar o mesmo | |

05. Em todos os países há diferenças, ou mesmo conflitos, entre diferentes grupos sociais. na sua opinião, no brasil, como são os conflitos entre os seguintes grupos sociais? (*estimulado*)

1. Muito fortes
2. Fortes
3. Não muito fortes
4. Não há conflito

05A. Pobres e ricos (*estimulado*)

05B. Classe trabalhadora e classe média (*estimulado*)

05C. Patrões e trabalhadores (*estimulado*)

05D. Negros e brancos (*estimulado*)

05E. Jovens e idosos (*estimulado*)

06. O sr(a) acha justo ou injusto que: (*estimulado*)

1. Muito justo
2. Justo
3. Nem justo, nem injusto
4. Injusto
5. Muito injusto

06A. “As pessoas que ganham muito possam dar aos filhos uma educação melhor do que as pessoas que ganham pouco.”

06B. “O ensino superior seja gratuito para todos, mesmo para estudantes ricos”.

06C. “Seja mais difícil para os alunos de escolas públicas passarem nos vestibulares das boas universidades que para os alunos de escolas particulares.”

07. Qual é a sua religião: (*estimulado*)

01. Evangélico Pentecostal
02. Evangélico não Pentecostal
03. Umbanda, Candomblé ou outra religião de origem africana
04. Espírita
05. Católica Romana
06. Judaica

08. Você participa de: (*estimulado*)

01. Partido político
02. Sindicato
03. Associação profissional
04. Movimento estudantil

09. Vou ler uma lista do que as pessoas dizem que são os principais problemas do país. gostaria que o sr(a) me dissesse, na sua opinião, quais são, desta lista, os *três maiores problemas* por ordem de importância: (mostrar **anexo 01**)

ANEXO 01

01. Segurança
02. Crescimento econômico
03. Saúde
04. Educação
05. Desigualdade entre os sexos
06. Previdência social (INSS)
07. Meio ambiente/ecologia
08. Corrupção
09. Inflação

06D. “As melhores universidades sejam públicas e gratuitas”.

06E. “Que haja poucas bolsas de estudo para alunos carentes que freqüentam a universidade pública”.

06F. “A maioria dos alunos de Medicina sejam ricos e brancos.”

06G. “A maioria dos estudantes negros se concentre nos cursos em que a nota exigida no vestibular seja a mais baixa.”

07. Muçulmano
08. Outra religião
09. Agnóstico
60. Não tem religião, mas acredita em Deus
70. Não crê em Deus (ateu)

05. ONG
06. Associação de moradores de bairros
07. Grupo religioso

10. Racismo
11. Pobreza
12. Desigualdade de renda
13. Desemprego
14. Desigualdade racial
60. Outros
70. Nenhum

- 09A. 1º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 01)
 09B. 2º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 01)
 09C. 3º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 01)

10. Vou ler uma lista com as principais políticas para *combater* a pobreza e a desigualdade. gostaria que o sr(a) me dissesse, na sua opinião, quais são, desta lista, as *três políticas mais importantes*:
 (MOSTRAR ANEXO 02)

ANEXO 02

- | | |
|--|--|
| 1. Promover a reforma agrária | 6. Aumentar os impostos dos mais ricos |
| 2. Melhorar os serviços de saúde | 7. Fazer com que os trabalhadores participem dos lucros das empresas |
| 3. Diminuir o ritmo do crescimento da população brasileira | 8. Melhorar a qualidade do ensino fundamental e médio |
| 4. Desenvolver políticas de ação afirmativa para negros | 9. Outras |
| 5. Privatizar as empresas públicas e diminuir as funções do Estado | |

- 10A. 1º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 02)
 10B. 2º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 02)
 10C. 3º LUGAR (MOSTRAR ANEXO 02)

11. Qual é a sua cor/raça [*Auto-classificação do(a) respondente*] (*estimulado*)

- | | |
|-----------|-------------|
| 1. Branca | 4. Amarela |
| 2. Preta | 5. Indígena |
| 3. Parda | |

12. Estado Civil (*estimulado*)

- | | |
|---|------------------|
| 1. Solteiro(a) nunca casou legalmente | 4. Divorciado(a) |
| 2. Casado(a) | 5. Viúvo(a) |
| 3. Separado(a) casado mas separado / não vive com o cônjuge | |

13. Quantos anos no total o sr(a) cursou a escola, incluindo os anos de repetência?
 (*Espontâneo*)

ANOTAR: _____ Anos

00. Nunca frequentou

14. O Sr(a) atualmente está:

Cursando escola/universidade (*estimulado*)

1. Está cursando o Ensino de 1º grau 1ª à 4ª séries do 1º grau
2. Está cursando o Ensino de 1º grau 5ª à 8ª séries do 1º grau
3. Está cursando o Ensino de 2º grau 1ª à 3ª séries do 2º grau
4. Está cursando o Ensino Superior

15. Qual é o grau de escolaridade do sr(a): (*estimulado*)

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 00. Nenhum | 06. Colegial completo |
| 01. Primário incompleto | 07. Superior incompleto |
| 02. Primário completo | 08. Superior completo |
| 03. Ginásio incompleto | 09. Mestrado |
| 04. Ginásio completo | 10. Doutorado |
| 05. Colegial incompleto | |

16. Qual é/foi o grau de escolaridade do seu pai: (*estimulado*)

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 00. Nenhum | 06. Colegial completo |
| 01. Primário incompleto | 07. Superior incompleto |
| 02. Primário completo | 08. Superior completo |
| 03. Ginásio incompleto | 09. Mestrado |
| | 10. Doutorado |
| 05. Colegial incompleto | |

17. Qual é/foi o grau de escolaridade da sua mãe: (*estimulado*)

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 00. Nenhum | 06. Colegial completo |
| 01. Primário incompleto | 07. Superior incompleto |
| 03. Ginásio incompleto | 08. Superior completo |
| | 09. Mestrado |
| 05. Colegial incompleto | 10. Doutorado |

18. Qual é o número aproximado de livros que havia em casa quando o sr.(A) tinha 15 anos de idade: [*casa dos pais / sua casa*]

00. Nenhum

01. Uma dezena

02. Algumas dezenas

03. Uma centena

04. Algumas centenas

05. Mais de mil

19. Você tem computador em casa?

01. Sim ()

02. Não ()

20. Você acessa a internet de casa?

01. Sim ()

02. Não ()

21. Renda individual mensal: (*espontâneo*)

1- até R\$240,00

2- R\$ 241,00 a R\$480,00

3- R\$481,00 a R\$720,00

4- R\$721,00 a R\$1200,00

5- R\$1201,00 a R\$1680,00

6- R\$1681,00 a R\$ 2400,00

7- R\$2401,00 a R\$3600,00

8- R\$ 3601,00 a R\$ 4800,00

9- R\$ 4801,00 a R\$ 7200,00

10- R\$ 7201,00 a R\$ R\$ 9600,00

11- R\$ 96001,00 a R\$ 12000,00

12- R\$ 12001,00 ou mais

22. Renda familiar mensal: *espontâneo*)

1- até R\$240,00

2- R\$ 241,00 a R\$480,00

3- R\$481,00 a R\$720,00

4- R\$721,00 a R\$1200,00

5- R\$1201,00 a R\$1680,00

6- R\$1681,00 a R\$ 2400,00

7- R\$2401,00 a R\$3600,00

8- R\$ 3601,00 a R\$ 4800,00

9- R\$ 4801,00 a R\$ 7200,00

10- R\$ 7201,00 a R\$ R\$ 9600,00

11- R\$ 96001,00 a R\$ 12000,00

12- R\$ 12001,00 ou mais

FINAL DO QUESTIONÁRIO.

Agradeça a Entrevista.

ANEXOS

Anexo 01

Problemas do País

- | | |
|---------------------------------|---------------------------|
| 01. Segurança | 09. Corrupção |
| 02. Crescimento econômico | 10. Inflação |
| 03. Saúde | 11. Pobreza |
| 05. Educação | 12. Desigualdade de renda |
| 06. Desigualdade entre os sexos | 13. Desemprego |
| 07. Previdência social (INSS) | 14. Desigualdade racial |
| 08. Meio ambiente/ecologia | |

Anexo 02

Políticas Públicas

- | | |
|---|--|
| 1. Promover a reforma agrária | 5. Privatizar as empresas públicas e diminuir as funções do Estado |
| 2. Melhorar os serviços públicos (como saúde, educação, habitação, etc) | 6. Aumentar os impostos dos mais ricos |
| 3. Diminuir o ritmo do crescimento da população brasileira | 7. Fazer com que os trabalhadores participem dos lucros das emp |
| 4. Desenvolver políticas de ação afirmativa para negros | |

O questionário aqui sugerido é uma adaptação de um questionário elaborado em 2005 por uma equipe de professores do IFCS/UFRJ, como parte da pesquisa “Percepções sobre Desigualdade e Justiça Social na UFRJ”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HASENBAG, Carlos e SILVA, Nelson do V. *Origens e Destinos*, RJ: Topbooks, 2003.
- IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais 2000*. RJ: Dep. de Populações e Indicadores Sociais /IBGE, 2001.
- SCALON, Celi. *Imagens da Desigualdade*. BH: Editora da UFMG, 2004.

TEMA 7: CULTURA E SOCIEDADE DE MASSA

A MULTIDÃO TEM CARA? E A MÍDIA, TEM PODER?

Objetivos e alcances

Levar os alunos a perceberem: (i) qual é a relação entre cultura e sociedade de massa; e (ii) qual é o papel do marketing e da propaganda nessa relação.

Metodologia (descrição da atividade)

Definir os conceitos de *multidão*, *massa* e *nação* como fenômenos típicos da modernidade.

Local da atividade

Sala de aula e locais públicos onde passam multidões de pessoas (praças, ruas movimentadas e Shoppings e outros).

A produção dos alunos

Pedir que os alunos observem a multidão em ação no cotidiano da sociedade (transportes públicos, partida de futebol, *shopping center*, ruas e locais de muito movimento (Av. N.Sra. de Copacabana, Central do Brasil, Mercado de Madureira etc.), e elaborem uma descrição densa sobre a multidão (qual é a sua aparência, seu som e movimento). Pedir também que o estudante tente desconstruir a multidão, classificando os diferentes tipos que a compõem.

Alcance

A expectativa é que os alunos possam reconhecer a multidão como um fenômeno de interesse sociológico e perceber como a multidão tem caras, gestos, movimento e cor. Como ela se diferencia dependendo dos espaços nos quais ela é observada: shopping, rua muito movimentadas no centro, na zona sul e no subúrbio; saída do Maracanã; baile funk, Feira de São Cristóvão, praia etc. (lugares em outras regiões do estado onde há grande circulação de pessoas).

ATIVIDADE 2

Aula sobre mídia

Começar perguntando aos alunos se já ouviram ou se sabem o que significa o termo mídia e anotar no quadro suas respostas. Mostrar um cartaz com o poema “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond de Andrade e pedir que cada um leia uma frase em voz alta.

Eu, etiqueta

Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.

Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclamado colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,

minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,

desde a cabeça até o bico dos sapatos,
são mensagens,

letras falantes,
gritos visuais,

ordem de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,

indispensabilidade,

e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos de mercado.

Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solitário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana invencível condição.

Agora sou anúncio,
ora vulgar, ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).

E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.

Não sou - vê lá - anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta

global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum
compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam, e
cada gesto, cada olhar, cada vinco de
roupa resumia uma estética? Hoje sou
costurado, sou tecido, sou gravado de

forma universal, asio de estampanaria, não
de casa,
da vitrine me tiram, me recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo dos outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem,
meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.

Pedir que os alunos, a partir do poema, falem sobre o impacto que a mídia tem em suas vidas e Na sociedade brasileira. Elaborar um painel destacando os efeitos positivos e negativos da mídia para a vida em sociedade.

ATIVIDADES 3

Dividir a turma em grupos de 4 ou 5 alunos e pedir que eles leiam o texto “Na frente da TV” e depois debatam e respondam às três questões propostas.

Na frente da TV
“Quando estou em casa, sozinha, sempre ligo a TV. Ela acaba com a minha solidão. É quase uma companhia. E eu tiro proveito disso. Quando minha família está em casa e a TV está ligada, nem precisa ter assunto. Mas, sei que a televisão não pode substituir a presença de uma pessoa”. Assim me falou a dona de casa Lúcia Silva, de 30 anos, moradora de um bairro de Goiânia.

Com um simples apertar de botão, a tela da TV ilumina um ambiente e toma-o com tamanha eficiência, que acaba nos seduzindo e, não poucas vezes, nos prendendo diante dela. E prende não só as crianças ou adolescentes, mas às vezes toda a família, como revelou dona Lúcia. Assim, a TV passa a ocupar e marcar a vida de muitas famílias.

Frente a um cotidiano tomado pela luta pela sobrevivência, nas famílias mais pobres os pais não dispõem de tempo

para brincar, contar histórias, jogar bola, passear, conviver com os filhos. Muitos saem para trabalhar na madrugada e só voltam para casa tarde da noite, quando os filhos já estão dormindo.
Por outras opções e circunstâncias, os pais de famílias ricas também não têm tempo para conviver com os filhos.
Vemos, assim, que a família não encontra mais tempo para ficar junta, para desfrutar, “curtir” a presença uns dos outros. E quando o tempo sobra, todos param, calados, diante da televisão: “nem precisa ter assunto”... Na correria do dia-a-dia, aos poucos as crianças perdem os referenciais, quando o espaço familiar de convivência é substituído pela televisão. Outras que já nascem nessa roda-viva, sequer chegam a adquirir referências dessa natureza.
A força da rede
Ninguém mais duvida de que a televisão é um veículo poderoso e em expansão.

Dentro dos meios de comunicação social, a TV perde para o rádio em termos de audiência. A cada dia, este grandioso veículo da comunicação investe mais em tecnologia e qualidade: TV a cabo, TV de alta definição, sistemas de filmagem usados no cinema transpostos para a televisão, dando cada vez mais beleza e qualidade às imagens que vemos. Aperfeiçoa-se não apenas do ponto de vista tecnológico: veja as refinadas produções dos senados, novelas, programas científicos ou de entretenimento. A força que a televisão tem para mobilizar, encantar e informar as massas é inquestionável. Ela oportuniza diversão acessível para muitas famílias que, geográfica ou economicamente, estão isoladas.

Não podemos negar a importância da televisão. Ela tornou-se, para muitos, o único canal de acesso ao conhecimento. Estruturada em redes, a TV integrou diferentes nações do planeta, trazendo e levando notícias. As mais diferenciadas imagens dilatam as nossas pupilas, ora por causa da beleza, ora por causa da violência. A morte e a vida causando-nos espanto e emoção.

Pela TV, a realidade mundial se aproxima de nós e entra em nossas casas, através das imagens, dos sons, das músicas e dos textos falados nos diferentes programas. Assim, vamos nos inteirando de fatos desconhecidos e ampliando conhecimentos ainda em construção. E, se não tomamos alguns cuidados, a TV acaba sendo um veículo invasor que chega sem pedir licença e vai até onde não queremos.

Não se pode subestimar a força ideológica das grandes redes de televisão, como nos chama a atenção Martín-Barbero: "A televisão não nos afeta só quando estamos

olhando para ela. (...) A maior influência da televisão não se produz através do tempo material que lhe dedicamos, mas através do imaginário que ela gera e pelo qual estamos sendo penetrados".

Atualmente, os pais não conseguem ser uma presença junto aos filhos, capaz de gerar valores. Talvez por isso fiquem tão aflitos e reclamem tanto que os filhos fiquem expostos à apologia do consumismo, da violência e a outros duvidosos valores que a TV veicula.

Portanto, apresenta-se um desafio para as famílias: como ajudar crianças e adolescentes a receberem criticamente o que a TV veicula? Como ajudá-las a ter critérios para selecionar o que assistir? Como primeira educadora, formadora de valores, a família tem de continuar exercendo o seu papel, em qualquer contingência em que esteja inserida.

Se não assume esse papel, ela vai perdendo sua identidade formadora e, conseqüentemente, comprometendo a integridade moral e o equilíbrio afetivo das futuras gerações.

Na infância, a pessoa absorve certos valores que só a família, enquanto grupo, pode dar. Estes valores serão determinantes para aprenderem a viver em grupo no conjunto da sociedade. Nenhum outro grupo social ou veículo formador pode substituir o que é próprio da família.

À família cabe o papel de geradora de alguns dos "filtros" ou "óculos" pelos quais a criança, o adolescente, o jovem e o futuro adulto enxergará o mundo. Através destes "óculos" é que a pessoa distingue o bom e o ruim em tudo o que recebe, inclusive a programação da TV.

Rezende Bruno de Avelar, Psicopedagogo.

Fonte: Revista Mundo Jovem

Questões

- 1- Fazer uma lista de três aspectos positivos e três aspectos negativos de tudo o que é visto na TV. Esses elementos influenciam o nosso jeito de ser?
- 2- Quais as maiores influências da TV na vida do jovem? A TV já influenciou você pessoalmente em algo (roupa, calçado, comida, gíria, vocabulário, idéias, músicas, comportamento etc.)?
- 3- Há diferença entre narrar e analisar fatos? Normalmente as pessoas analisam ou apenas repetem o que assistem na TV?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.
- TOMAZI, Nelson Dacio (coord.). *Iniciação à sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

TEMA 8: TRABALHO - MERCADO DE TRABALHO E SUAS DIVERSAS MODALIDADES

O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM/A MULHER?

Apresentação e objetivos

Trabalho é um termo muito genérico e em si não comunica as suas várias potencialidades como fenômeno sociológico a ser observado. Esse conceito percorreu toda a história humana e sofreu, ademais, toda ordem de transformações à medida que o seu valor foi sendo historicamente ressignificado. Do mundo grego até os dias atuais, vários são os significados sociais conferidos a esse conceito. Hoje, no mundo moderno capitalista, o valor trabalho encontra-se internalizado nos indivíduos. Vivemos a sua procura e quanto mais somos “escravos” desse valor, tanto mais ele é dignificado na sociedade, dando sentido às nossas vidas. O objetivo desse módulo é sugerir atividades que relativizem a internalização e naturalização desse valor histórica e culturalmente construído e, ao mesmo tempo, observar como, na manutenção da ordem e na organização da sociedade (sociedades modernas e globalizadas), o trabalho é não apenas fundamental, mas imprescindível.

ATIVIDADE 1

Fazer com que os alunos compreendam: (i) o conceito de trabalho e sua permanente transformação; (ii) o trabalho e a sua complexificação na sociedade capitalista;

Metodologia (descrição da atividade)

Explorar historicamente o conceito de trabalho, com a colaboração de um professor de história, e as mudanças de valor a ele conferido, passando da concepção de necessidade (antiguidade), para a de fardo (visão da igreja católica antes da reforma protestante). A emergência do mundo moderno burguês transformou o valor desse conceito em virtude (visão protestante

do trabalho). A crítica marxista ao modo de produção capitalista conferiu ao trabalho um significado concreto, de transformação da realidade. O trabalho é, nessa perspectiva, uma manifestação da liberdade humana, da capacidade humana de criar a sua própria forma de existência específica. Analisar com os alunos o trabalho tal como se organiza na sociedade brasileira: sua forma colonial escravista, o trabalho dos imigrantes, trabalho rural, urbano, de migração e o trabalho em sua fase mais atual (legislação sobre direito trabalhista). Listar as mudanças atuais das modalidades de trabalho: informal, campo, urbano, doméstico, infantil, temporário, autônomo e terceirizado.

Local da atividade

Sala de aula.

Material / Recursos didáticos

Quadro de giz e jornais.

A produção dos alunos

Pode-se trabalhar da seguinte forma com os alunos: perguntar a eles qual a profissão que eles gostariam de exercer e quais não exerceriam de forma alguma; pedir que os alunos procurem nos classificados dos jornais os tipos de trabalho mais valorizados e quais são os pré-requisitos exigidos; pedir que eles elaborem um ranking das carreiras de maior prestígio na sociedade brasileira e justifiquem; tentar diferenciar as carreiras que a sociedade confere prestígio pelo critério “da tradição” e pelo critério do mercado; pedir que tragam a seção de classificados de jornais para analisar tipos de trabalhos ofertados, salários oferecidos, pré-requisitos, definindo uma tipologia das formas de trabalho requeridas na cidade ou estado do Rio de Janeiro.

ATIVIDADE 2

Começar ressaltando que toda atividade desenvolvida pelo ser humano — seja ela física ou mental — é considerada trabalho. Dele resultam bens e serviços. É trabalho tanto a atividade do operário de uma indústria como a do arquiteto que projeta os bens a serem produzidos por essa indústria. Assim, tanto a atividade manual como a atividade intelectual são trabalhos, desde que tenham como resultado a obtenção de bens e serviços. Fazer um breve histórico sobre o trabalho.

Breve Histórico

O início

No passado, o homem trabalhava para produzir o que consumia, seja em roupas, alimentos ou moradia.

Ao constituir as primeiras sociedades, ou povos, o trabalho era recompensado por mercadorias (escambo), como uma espécie de troca.

O trabalho escravo

Com a introdução da pirâmide social, aos menos favorecidos foram atribuídos trabalhos sem remuneração, e em geral sequer recebiam, em contrapartida, moradia e alimentação para a sua subsistência. Predominavam os deveres do trabalhador, sem direito algum.

Trabalho formal

Com a chegada da industrialização, a partir do século XVIII e XIX, foi criado o trabalho formal, com definição de tarefas e de remuneração devida.

O contrato de trabalho

No século XX, foi instituído o contrato de trabalho, contendo regras que regem os direitos e deveres entre patrões e empregados.

Formaram-se, então, as primeiras classes trabalhadoras, com a classificação em cargos, funções, atribuições e salários.

História do direito do trabalho no Brasil

1º período

Da independência do Brasil à abolição da escravatura (1888).

Período escravo com pouco trabalho urbano.

1850 – Código Comercial, regulando a preposição, o aviso prévio.

1870 – Fundação da Liga Operária, no Rio de Janeiro.

2º período

De 1888 a 1930.

1891 – lei proibindo o trabalho dos menores de 12 anos.

1907 – 1ª lei sindical.

1916 – Código Civil, com caráter individualista e regulando a relação de emprego como locação de serviços.

1919 – 1ª lei de acidentes do trabalho.

1923 – lei instituindo caixa de aposentadoria e pensões dos ferroviários.

1925 – lei de férias de 15 dias anuais.

3º período

Da Revolução de 30 aos dias atuais.

1939 - Criação da Justiça do Trabalho.

1943 - CLT.

1946, 1964 e 1989 - Leis regulando a greve.

1949 - Lei do repouso semanal remunerado.

- 1962 - Lei do 13º salário.
- 1966, 1989, 1990 - Leis do FGTS.
- 1972 - Lei do empregado doméstico.
- 1973 - Lei do trabalho rural.
- 1976 - Lei do plano de alimentação do trabalhador.
- 1985 - Lei do vale-transporte.
- 1988 - Constituição Federal do Brasil.
- 1990 - Lei do seguro-desemprego.

Pedir aos alunos que se dividam em grupos de 5 e façam uma pesquisa sobre os seguintes temas da história do trabalho e suas transformações para apresentação em seminários. Essa atividade pode contar com a colaboração do professor de História da escola:

Escravidismo

Feudalismo

Trabalho formal/CLT

Trabalho informal

Cooperativismo/Terceirização

Trabalho escravo no dias de hoje x Direitos humanos

Trabalho infantil x ECA

ATIVIDADE 3

Os objetivos dessa atividade são os seguintes:

- conhecer a história e a situação de trabalho do município ou da região;
- construir um mapa do trabalho do município ou da região;
- promover na escola debates sobre a situação do trabalho juvenil no município ou na região;
- debater as alternativas de geração de trabalho e renda para jovens construídas pela sociedade civil e pelos governos;
- elaborar propostas de intervenção local, especificamente no campo da educação e do trabalho para jovens, debatendo-as com os mais diversos atores sociais.

A proposta diz respeito à elaboração de um mapa do trabalho do município ou da região, centrado no trabalho jovem. A partir daí, surgirá a elaboração de propostas de intervenção voltadas principalmente a este público. Adolescentes e jovens com diferentes experiências no mundo do trabalho, representantes de entidades sindicais, empresários locais, poder público e sociedade civil podem ser entrevistados e convidados a discutir com os alunos o mapa e as propostas por eles elaborados.

As experiências de trabalho dos jovens podem ser um bom ponto de partida. Alunos que desenvolvam ou já tenham desenvolvido algum tipo de trabalho podem entrevistar e serem entrevistados por alunos que nunca trabalharam, por exemplo. É importante também considerar como trabalho as atividades domésticas, freqüentemente realizadas pelas meninas.

Sugestão de roteiro para a entrevista

- Está trabalhando ou procurando trabalho?
- Por que começou a trabalhar? Com quantos anos?
- Onde trabalha ou já trabalhou?
- Em que função?
- Há quanto tempo exerce essa função?
- Recebe salário? Como o utiliza?
- Recebe algum tipo de benefício do empregador? (13º salário, assistência médica, vale-transporte)?
- Do que você mais gosta e do que menos gosta em seu trabalho?

Para os que nunca trabalharam

- Está procurando trabalho? Por quê?
- Quando você pretende começar a trabalhar? Por quê?
- Que tipo de trabalho gostaria de realizar?
- Como você utilizaria o seu salário?
- Sua escolha se aproxima ou não do tipo de trabalho exercido pelas pessoas que moram com você? Por quê?
- O que o trabalho significa para você?

Analisando os dados

Com esse levantamento inicial, os alunos poderão sistematizar as informações e elaborar um relatório a partir dos seguintes itens:

- Quantos trabalham e quantos não trabalham na sala?
- Quantos estão procurando trabalho?
- Que tipo de trabalho realizam ou gostariam de realizar?
- Quais as condições de trabalho e salário daqueles que estão ocupados?
- Quantos têm os direitos do trabalho respeitados e quantos não?
- Os significados do trabalho.

O relatório pode conter gráficos e tabelas que ilustrem as informações, bem como desenhos, fotografias, músicas, poesias representativos da situação do trabalho na turma. O grupo pode até mesmo produzir um boletim, um jornal informativo, um site (se possível).

Em segundo lugar, caberá a busca em fontes de informações secundárias: dados estatísticos da cidade, região, país; relatórios de organismos internacionais como o Unicef, que podem ser conseguidos na Internet, em bibliotecas e em outros espaços de documentação. Diferentes disciplinas podem se responsabilizar pela orientação referente à coleta de informações. A Matemática, por exemplo, pode contribuir na leitura e análise de dados estatísticos e na construção de gráficos.

Depois disso, em grupos, os alunos podem entrevistar diferentes atores sociais: poderes públicos, entidades sindicais, trabalhadores de setores diversos etc. O objetivo é coletar o máximo de informação sobre as diferentes formas de organização do trabalho na região, suas mudanças e permanências, e perceber as condições dos jovens. Em todos os casos, será importante anotar o nome da pessoa convidada, endereço, telefone, e-mail (se tiver) para contato posterior e participação em debates a serem realizados na escola.

O roteiro pode ser construído coletivamente. Algumas sugestões:

Explorar em cada um dos atores sociais (empresários, poder público, entidades sindicais, organizações da sociedade civil):

- história do trabalho na região;
- principais atividades econômicas no passado e principais atividades atuais, suas mudanças e permanências;
- avaliação da situação do emprego e do desemprego na região;
- análise das principais questões que afetam os jovens que estão ou desejam ingressar no mundo do trabalho na região;
- relação dos jovens com o trabalho;
- ações desenvolvidas no campo do trabalho;
- ações desenvolvidas com escolas da região.

Em seguida, organize e compare as informações. Todos os grupos já estarão com os dados secundários em mãos, opiniões dos convidados sobre a realidade de trabalho no município e sua relação com os jovens.

Os grupos podem analisar

- aspectos históricos levantados pelos participantes;
- principais mudanças e permanências na realidade de trabalho do município/região apontadas;
- problemas e desafios;
- alternativas desenvolvidas;
- possibilidades de ações futuras;

- principais semelhanças e diferenças na visão dos entrevistados;
- situação dos jovens no mundo do trabalho;
- sentidos do trabalho para os jovens;
- visões do jovem e do trabalho juvenil

A partir dessas informações, os grupos construirão dois mapas: trabalho na região no passado e no presente, indicando as principais atividades econômicas desenvolvidas e enfatizando as questões relativas ao trabalho juvenil. É importante ainda atentar para os sentidos atribuídos ao trabalho pelos jovens e os encontros e desencontros entre suas expectativas e seus projetos nesse campo e as ações públicas desenvolvidas para eles.

Com o mapa em mãos, os alunos deverão elaborar propostas direcionadas aos jovens no mundo do trabalho. Trata-se de uma experiência na construção de alternativas que serão debatidas com gestores locais, entidades da sociedade civil, sindicalistas e outros jovens, a depender da capacidade de mobilização da escola.

Algumas dicas para a organização do encontro:

- se as propostas elaboradas forem muitas e diversas, os grupos poderão organizar diferentes mesas de debate por temas específicos, por exemplo: emprego formal, cooperativismo, empreendedorismo etc.;
- confirmar a presença dos convidados com antecedência;
- divulgar o evento apenas entre grupos interessados na discussão do tema;
- os convidados devem ser chamados para comentar o mapa do trabalho e as propostas elaboradas pelos alunos - viabilidade de implementação, caminhos para isso etc. É preciso que esse papel fique explícito desde o início.
- enviar aos convidados, com antecedência, as propostas elaboradas pelos alunos e a programação do dia;
- construir uma lista dividindo tarefas e responsabilidades;
- eleger um coordenador dos eventos do dia e coordenadores dos grupos. Esses coordenadores podem ser escolhidos entre os próprios alunos, professores ou funcionários da escola;
- é preciso garantir que todos consigam participar dos debates, ao menos em algum momento.

Por fim, o grupo deve perceber os limites e potencialidades das propostas, bem como as possibilidades de continuar discutindo sua implementação.

É importante registrar o evento. Para isso, escolha grupos responsáveis para fotografar, filmar, gravar e/ou anotar falas, comentários, perguntas, resultados.

ATIVIDADE 4

Colocar um cartaz ou utilizar o quadro negro dividindo-o em duas colunas (Concorda e Discorda). O professor lerá algumas afirmações e estereótipos sobre o mundo do trabalho, pedindo aos alunos que escutem atentamente:

Afirmações e estereótipos:

“Pode-se conseguir um bom emprego sem que se termine o segundo grau.”

“A universidade aumenta as oportunidades de trabalho e salário.”

“Numa família cabe ao homem o suporte financeiro.”

“O trabalho doméstico é um trabalho feminino.”

“Não há maneira de se planejar a vida pois essa é uma tarefa do destino.”

“Para subir na vida tem que ter sorte.”

“Para subir na vida deve-se conhecer pessoas influentes.”

“As mulheres não deveriam exercer as mesmas profissões que os homens.”

“Os negros ganham menos do que os brancos.”

“Os homens devem ganhar mais do que as mulheres.”

Discutir o resultado a partir das justificativas dos alunos sobre o que eles concordam ou discordam com base nas afirmações e estereótipos.

ATIVIDADE 5

Apresentação e objetivos

Levar o aluno a pensar o mundo do trabalho e suas perspectivas futuras. Descobrir como as atividades se desenvolvem na sociedade e a importância de cada profissão.

Descrição da atividade

A turma é dividida em grupos (no máximo 5 alunos). Cada grupo escolhe uma profissão/atividade, previamente relacionada (é importante que toda a turma participe da elaboração desta relação de profissões/atividade) e deverá pesquisar aspectos relacionados à profissão/atividade escolhida, levando-se em conta: as características, a formação/qualificação, o campo de atuação, remuneração e o mercado de trabalho da profissão/atividade (se possível elaborar as áreas geográficas de atuação).

Metodologia

Os grupos fazem o levantamento das profissões/atividades (o professor deve incentivar possíveis visitas às empresas/organizações e entrevistas a profissionais) e elaboram relatórios com todos os dados levantados e em uma terceira fase apresentam as pesquisas à turma (se possível realizar uma exposição prévia do material).

Local

Sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

TOMAZI, Nelson Décio (coord.). *Iniciação a sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

TEMA 9 - CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS

O QUANTO SOU CIDADÃO? MEUS DIREITOS SÃO RESPEITADOS?

Apresentação e objetivos

O tema da cidadania e dos direitos humanos, além do seu interesse político e sociológico, permite ao professor a elaboração de importantes atividades com impacto direto sobre os alunos. Este é um tema que diz respeito diretamente à vida dos alunos em sociedade e por esta razão exerce sobre eles enorme fascínio. Importa, contudo, desenhar o tema tendo a preocupação de localizá-lo historicamente em um processo de conquistas crescentes que marcam o ocidente, sobretudo desde a Revolução Francesa.

Em geral, para facilitar a compreensão do aluno do tema da cidadania e dos direitos humanos é importante, mesmo sob o risco de ser historicamente linear, que o professor situe historicamente as fases de conquista e ampliação dos direitos, com base, por exemplo, nos modelos de T.H. Marshall. Como um resultado da influência das idéias iluministas, será interessante mostrar que os direitos civis, primeiros a serem conquistados, resultam das lutas pela pelo fim do absolutismo e do Antigo Regime e marcam o advento da soberania popular. A igualdade de direitos de cidadania seria então o primeiro estágio da lutas pelos direitos do homem. O segundo estágio refere-se aos direitos políticos. Estes possuem relação direta com a organização política dos trabalhadores, no final do séc. XIX, na Inglaterra, que buscavam alcançar melhorias nas condições de trabalho se utilizando, para tanto, dos mecanismos da democracia, da organização de partidos e sindicatos, como forma de fazer valer seus direitos. O terceiro estágio corresponde aos direitos sociais. Esses são efeitos das demandas dos cidadãos pelo Estado de bem-estar que deve garantir direitos básicos: saúde e educação, por exemplo. Desde então, os Estados republicanos e democráticos devem cumprir sua função social de prover esses direitos ao conjunto dos seus cidadãos. Fala-se hoje em cidadania global. A preservação de patrimônios culturais e naturais diz respeito a toda a humanidade, alargando o conceito de direitos e cidadania para além das fronteiras do estado nacional. Todo esse processo de alargamento das bases da cidadania e dos direitos, de pretensões universais, não se cumpre exatamente da mesma maneira nos diferentes contextos nacionais. No Brasil, o alcance

desses direitos possui uma longa e instável história e ainda hoje reivindicamos direitos sociais aos quais nem todos os cidadãos têm acesso.

Alcance

As atividades aqui sugeridas devem estimular nos alunos o desenvolvimento de um olhar crítico e compreensivo sobre esse processo no mundo e no Brasil. Deve estimulá-los a se pensarem como cidadãos de direitos e até que ponto eles, suas famílias, sua comunidade, sua cidade e seu País se beneficiam e vêem garantidas essas conquistas históricas pelos direitos. Entretanto, eles devem ter também a noção de que a cidadania não define apenas o sujeito como receptor de direitos. A cidadania é um exercício que exige permanente cumprimento de deveres para o funcionamento da vida em sociedade. O cidadão deve pagar impostos, votar, seguir as normas constitucionais e sociais que garantem a manutenção da ordem social. Nessa perspectiva, o aluno deve refletir sobre os direitos e deveres que ele exercita na sua formação como cidadão e até que ponto ele se vê contemplado e integrado à sociedade da qual ele parte.

ATIVIDADE 1

Fazer um resgate histórico do surgimento do contrato social e da cidadania, lembrando seu caráter histórico, provisório e culturalmente determinado.

Fazer um breve histórico sobre os direitos conquistados dialogando com os alunos sobre sua importância histórica e atual. Pedir aos alunos que se reúnam em grupo de 4 ou 5 e discutam o texto “O analfabeto político”, de Brecht.

Após a discussão, pedir que prestem atenção às músicas “Pacato cidadão”, do Skank, e “Comida”, dos Titãs..

Por fim, pedir que façam uma redação individual a partir de tudo que foi visto e discutido em aula.

BREVE HISTÓRICO

Os direitos civis conquistados durante o século XVIII são os que buscam garantir aos indivíduos a vida, a liberdade, o direito de locomoção, a segurança etc. Durante o século XIX, a continuação da luta por direitos resultou em novas conquistas, tais como: os direitos políticos, como o direito de reunião, de se organizar politicamente e, principalmente, o direito de votar.

Os direitos de segunda geração, ou direitos sociais, foram conquistados no século XX a partir das lutas do movimento operário e sindical e dizem respeito ao trabalho, à saúde, à educação, à aposentadoria etc.

Na segunda metade do século XX, e principalmente nos anos 60, jovens foram às ruas exigir os chamados direitos de terceira geração, que consistem no direito dos povos

se autodeterminarem, o direito à paz, à preservação do meio ambiente, os direitos de descendência racial, opção religiosa, sexual etc.

O analfabeto político (Bertold Brecht)

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das condições políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

Pacato Cidadão

Skank

Refrão

Ô pacato cidadão, te chamei a atenção

Não foi à toa, não

C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia

Dia a dia não

E tracei a vida inteira planos tão incríveis

Tramo à luz do sol

Apoiado em poesia e em tecnologia

Agora à luz do sol

Pacato cidadão

Ô pacato da civilização

Pacato cidadão

Ô pacato da civilização

Refrão

Pra quê tanta TV, tanto tempo pra perder

Qualquer coisa que se queira saber querer

Tudo bem, dissipação de vez em quando

é bão

Misturar o brasileiro com alemão

Refrão

Pra que tanta sujeira nas ruas e nos rios

Qualquer coisa que se suje tem que limpar

Se você não gosta dele, diga logo a

verdade

Sem perder a cabeça, perder a amizade

Refrão

Consertar o rádio e o casamento é

Corre a felicidade no asfalto cinzento

Se abolir a escravidão do caboclo

brasileiro

Numa mão educação, na outra dinheiro

COMIDA

(Titãs - 1987)

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida diversão é arte
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé”
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e fazer amor
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade
Desejo, necessidade vontade,
Necessidade, desejo.

Exercício

Refleta sobre a letra da música do grupo Titãs e pense: Qual é a fome e a sede manifestadas pelo grupo?

ATIVIDADE 2

Objetivos

- Aproximar a questão da Cidadania e Direitos Humanos ao cotidiano do aluno;
- Verificar a questão dentro da comunidade, na cidade, no país e no mundo.

Descrição da atividade

- Dividir a turma em grupos - cada grupo ficará responsável pela criação de um pequeno jornal que abordará o tema proposto;
- O professor orientará a atividade, indicando reportagens, entrevistas com pessoas da comunidade local, ONGs, relatos de situações em que os direitos humanos foram desrespeitados, informações sobre os direitos e deveres dos cidadãos, reclamações locais referentes às questões comunitárias etc.
- Após a confecção, cada grupo apresentará o trabalho final para a turma, revelando o processo de criação, pesquisa e montagem, explicando o porquê da escolha de cada matéria, e sua utilidade para a comunidade em geral;
- Os jornais poderão ser reproduzidos e distribuídos na escola e comunidade.

Questões para reflexão

- As pessoas estão realmente cientes de seus direitos?
- O que significa ser cidadão?
- Você se considera bem informado sobre os seus direitos? E a sua família? E a sua comunidade?

Local

Sala de aula, comunidade local, bibliotecas, sala de computadores, prefeitura.

Material

Computadores, jornais e revistas, máquina copiadora ou impressora.

Produção dos alunos

Jornal informativo.

ATIVIDADE 3

Objetivo

Conhecer a sociedade em que se vive, refletindo seus problemas de modo a perceber as mudanças compreendidas como necessárias e o que é preciso fazer para que elas ocorram.

Descrição da atividade

1. Dividir a turma em grupos de no máximo cinco alunos;
2. Espalhar o material (papel e cola): numa folha o aluno deve descrever a sociedade em que ele vive e, no outro papel, a sociedade em que ele gostaria de viver.
3. Pedir que cada grupo cole na parede ou no mural os dois papéis, estabelecendo um intervalo (que o grupo irá definir) entre a sociedade atual e a ideal.

Questões a serem refletidas

Pedir que os alunos discutam entre si os problemas identificados na sociedade atual e o que deveria ser feito para que, resolvidos os problemas, ela se transforme na sociedade ideal previamente descrita.

Material

Revistas, tesoura, cola, fita crepe, papel ofício, hidrocor, lápis de cera, lápis preto e borracha.

Produção dos alunos

Cada grupo construirá, com o material, uma ponte entre as duas colagens (sociedade atual e sociedade ideal), representando, essas pontes, as questões que precisam ser trabalhadas para diminuir a distância entre elas.

ATIVIDADE 4

Objetivos

Levar os alunos a refletirem sobre o alcance global dos direitos humanos e da cidadania. Ele deve identificar situações em que os direitos humanos são violados no Brasil e no mundo (ele definirá as situações que ele considera como de violação de direitos humanos) e observar se nesses contextos o princípio da cidadania está consolidado. A Internet pode ser uma boa alternativa para coletar informações.

Atividade

Selecionar jornais e revistas onde seja possível localizar essas situações no Brasil e no mundo. Fazer um quadro tipológico no qual serão agrupados os países que apresentam problemas similares de violação de direitos. Comparar esses tipos e identificar as correspondências quanto ao regime político, quanto às desigualdades sociais presentes nesses países. Ao final o aluno deverá identificar na Constituição de 1988 as cláusulas referentes às várias formas de direitos, e contrastar com o que ele identificou como violações de direitos no Brasil. Tal exercício o fará refletir sobre a eficácia da lei, ou seja, as bases de seu cumprimento no caso brasileiro.

Produto

Desenvolver um grande painel na escola com imagens e textos sobre a idéia de cidadania global.

<http://www.lei.adv.br/1904-96.htm> - o site descreve a Lei 1904-96, que institui o programa nacional de Direitos Humanos - PNDH. (em português)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M..A. Rodrigues e outros. *Direitos Humanos - um debate necessário*. São Paulo: Brasiliense, Instituto Interamericano de Direitos Humanos, vol. I, 1988/vol. II, 1989.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. RJ: Jorge Zahar, 1999.

BOBBIO, Norberto et alli. *Dicionário Político*. Rio de Janeiro: Ed. UnB, 1996.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

COVRE, M. *O que é Cidadania?* São Paulo: Brasiliense, 1991.

DIMENSTEIN, Gilberto e PINHEIRO, P. *A Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DORNELLES, João Ricardo W. *O que são Direitos Humanos?* São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1989.

MARSHALL, T.H., *Cidadania, Classe e Status Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

TEMA 10: VIOLÊNCIA

VOCÊ JÁ FOI VÍTIMA DE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA?

Apresentação

Nos últimos anos, a sociedade brasileira entrou no grupo das sociedades mais violentas do mundo. Hoje, o país tem altíssimos índices de violência urbana (violências praticadas nas ruas, como assaltos, seqüestros, extermínios etc.); violência doméstica (praticadas no próprio lar); violência familiar e violência contra a mulher, que, em geral, é praticada pelo marido, namorado, ex-companheiro, entre outros.

A questão que se impõe é: por que esses índices aumentaram tanto nos últimos anos. Onde estaria a raiz do problema?

ATIVIDADE 1

Após definir com os alunos as várias formas de violência que eles identificam nas sociedades contemporâneas, discutir o tema da violência com a turma, a partir dos dados do texto abaixo:

Na maioria dos homicídios, são usadas armas de fogo

Em ranking da OMS, o País é o 3.º colocado, com 48,5 óbitos por grupo de 100 mil adolescentes

MARTA AVANCINI

BRASÍLIA - As comparações com dados internacionais mostram que o padrão da violência que vitima o jovem e a sociedade brasileira em geral está ligado ao porte de arma de fogo. Enquanto na maioria dos 60 países analisados prevalecem as mortes por acidentes de transporte ou suicídios, no Brasil predominam os homicídios, com o uso de armas.

No ranking do homicídio juvenil, elaborado com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o 3.º colocado, com uma taxa de óbito de 48,5 por grupo de 100 mil jovens na faixa etária de 15 a 24 anos - atrás apenas da Colômbia e de Porto Rico. Quando se leva em conta a população em geral, o Brasil é o 2.º, perdendo apenas para a Colômbia. O ranking incluiu países que forneceram informações a partir de 1996 à OMS.

No Brasil, as chances de um jovem morrer assassinado são mais altas do que as do restante da população - e a probabilidade de que isso ocorra também é maior do que em muitos lugares do mundo. No ranking internacional, o País ocupa a 9.ª posição: um jovem que está na faixa etária de 15 a 24 anos tem 84,4 mais chances de morrer do que uma pessoa de outra idade. Nessa lista, estão à frente Malta, Ilhas Cayman, Porto Rico, Azerbaijão, Estados Unidos, Israel, Granada e Colômbia.

O País está mais bem situado, no entanto, nos rankings internacionais que avaliam as chances das pessoas morrerem em acidentes de trânsito ou cometerem suicídio, o que reforça a idéia de que os homicídios são o principal problema a ser enfrentado no Brasil. No ranking das mortes no trânsito, o Brasil é o 41.º colocado e no de suicídios está em 51.º lugar.

O estudo também mostra que apenas em 6 dos 60 países analisados o número de homicídios é proporcionalmente maior do que o de acidentes de transporte, incluindo o Brasil.

Quando a comparação envolve apenas os óbitos por arma de fogo, o Brasil é o primeiro colocado entre 24 nações cujas informações estão disponíveis. No País, a taxa de óbito por arma de fogo é de 18,7 por grupo de 100 mil habitantes - oito pontos acima do segundo colocado, os Estados Unidos.

Segundo a pesquisa, em média 31,9% dos assassinatos nos países estrangeiros envolvem objetos cortantes, enquanto no Brasil eles são 11,8%.

Questões para estimular os alunos

Por que, na sua opinião, os jovens são as maiores vítimas da violência no Brasil?

Recursos

Convidar, para falar para a escola em geral, um representante da polícia militar e da polícia civil e algum sociólogo que estude violência.

Produção dos alunos

Elaborar um painel na escola com os dados alarmantes sobre a violência no Rio de Janeiro. E a partir de colagens de imagens as mais diversas, mostrar a cara da violência.

ATIVIDADE 2

Objetivos

Levar os alunos a refletirem sobre as razões da violência quando ela invade, através da televisão, a sua própria casa. Refletir sobre o “espetáculo” da violência.

Descrição da atividade

Ler o texto abaixo e assistir ao filme “Ônibus 174”, dirigido por Felipe Lacerda e José Padilha.

ÔNIBUS 174

Eugênio Bucci

“Santa TV, olhai por nós”, copyright Jornal do Brasil, 12/12/02

O documentário *Ônibus 174*, que entrou recentemente em circuito comercial, já foi elogiado por muitos motivos diferentes. E justos. Destaco, entre tantos outros, os méritos jornalísticos do longa-metragem (mais de duas horas!) do diretor José Padilha. Não são méritos jornalísticos quaisquer. São méritos que alcançam uma dimensão estética tão grandiosa que chega a ser assustadora.

Ao narrar o seqüestro do ônibus urbano 174, no Rio de Janeiro, que aconteceu no dia 12 de junho de 2000, o filme consegue ser meticuloso na reconstituição de um episódio particular e preciso no diagnóstico geral. Nisso reside boa parte de sua grandeza - informativa e estética. Detalhe por detalhe, ele reconstitui a tarde em que uns poucos passageiros foram transformados em reféns pelo assaltante Sandro do Nascimento. O perfil do personagem central é apresentado de modo engenhoso. Passagens de sua biografia vão se encadeando com os lances do seqüestro. Lentamente, as coisas parecem ter uma lógica.

O menino pobre que, aos 6 anos, viu a mãe morrer esfaqueada, que fugiu de casa para virar habitante da rua e que, anos depois, milagrosamente, sobreviveu ao massacre da Candelária, torna-se um adolescente a mais, um como tantos outros a perambular de presídio em presídio, numa carreira desgraçada feita de crimes menores, tormentos, vícios. O incrível é que o documentário vai demonstrando que sua trajetória pessoal, que não teria rumo nenhum, não teria conclusão nenhuma, tem sim um grande sentido narrativo: a fatalidade do final espetacular. Sim, espetacular. O ônibus rendido e paralisado por Sandro logo é cercado pelas câmeras de TV, todas ao vivo e, claro, pelos policiais. É um superespetáculo. A partir daí, sua tragédia acontecerá diante dos holofotes, dos microfones, para deleite do grande, imenso e pouco respeitável público. Ali está o sentido de sua vida: a tragédia. ‘Tá pensando que isso aqui é filme de ação?’, ele grita da janela. Ele que - o filme mostra - sonhava com a fama. Ali se consumou o sentido maior de sua vida sem sentido. Diante das câmeras, no instante em que tenta se entregar, ele mata uma refém que não queria matar. Nos minutos seguintes, morre

asfixiado nas mãos de dois policiais. A tragédia, escrita pelo acaso e pelo caos, passa na tela como se fosse uma obra-prima de ficção. Há nela uma história muito mais ampla que o episódio particular.

Por aí é que entra o diagnóstico geral que o documentário desvela: a polícia é um aparato definido pela falta de equipamento, pela falta de empenho, pela falta de preparo e pela falta de coração. A polícia é parte da estrutura social baseada na miséria e na violência: ela não é um antídoto contra tudo isso, mas um fator de perpetuação disso tudo. Ônibus 174 acerta no particular (no episódio que narra) e no geral: é uma reportagem devastadora e incontestável. A tragédia de um Sandro anônimo, de milhões de seres invisíveis como ele, revela a tragédia do Brasil inteiro.

Seres invisíveis. Não é por acaso que falo neles. O tema da invisibilidade é, na minha opinião, a melhor virtude do documentário. Entre os entrevistados do filme, o antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares, ex-coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Rio de Janeiro, insiste bastante nesse ponto. Para Soares, os seres que, de tão pobres, acabaram condenados à invisibilidade são pessoas impossibilitadas de despertar qualquer emoção que seja nos cidadãos estabelecidos. Segundo ele, a nossa sociedade aprendeu a conviver com as multidões de invisíveis, como as crianças de rua, como se todos fossem um dado da natureza, um fenômeno normal do cotidiano. A sociedade simplesmente foi deixando de vê-los. Os seres invisíveis não dispõem de nada que lhes permita causar reações nos cidadãos que têm casa, que têm dentes, que têm documento. Para eles, a arma é muitas vezes o único acesso à visibilidade, pois a arma lhes ajuda a despertar no outro uma emoção: o medo.

À luz da tese de Luiz Eduardo Soares, que acaba se convertendo num pilar ideológico do documentário, Sandro nada mais é que um ser invisível tentando alcançar um lugar passível de ser olhado. Munido de um revólver, ele procura anunciar que é alguém. Mais ainda: procura proclamar que é alguém para as câmeras de TV, isto é, para o mundo.

A imagem de Sandro, berrando para as objetivas com o rosto para fora da janela do ônibus lembra um afogado que procura pôr a boca para fora d'água em busca de ar. Sandro busca a visibilidade como quem busca o ar, como quem busca a vida. Por isso, aliás, ele sonhava com a fama. Somente a fama, por mais breve que fosse, poderia pacificá-lo. Para a velha senhora que lhe cedeu um cômodo para morar, aquela a quem ele tratava como mãe adotiva, prometera que ficaria famoso e que daria jeito na vida. O pobre sobrevivente da Candelária queria apenas ser visto, queria ser visível, queria ser olhado pelos semelhantes e, se possível, pela entidade que olha por nós, que é a mídia. Eles, os invisíveis, sabem intuitivamente que a mídia é menos importante para ser vista e muito mais importante para nos ver. Ser visto pelas câmeras de TV equivale a ganhar o direito à existência. A elas, à TV e à mídia, a sociedade implora, todos os dias: olhai por nós. Agora e (ou) na hora de nossa morte.

Sandro, quando morreu asfixiado, estava deitado no fundo de um camburão. Longe dos holofotes. Morreu entregue de volta à escuridão da qual jamais deveria ter se atrevido a fugir.”

ATIVIDADE 3

Objetivos

Começar explicando que a violência é uma característica humana e é determinada culturalmente procedendo à leitura dos textos a seguir.

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

Todos os animais lutam entre si. Os membros de uma mesma espécie atacam uns aos outros na competição por dominância, alimento, fêmeas ou territórios.

Todos os estudos de lutas e confronto entre animais mostram que eles têm um caráter “ritual”: encerrar uma disputa pela qual o macho mais maduro (nem sempre o mais forte ou o mais ágil) conquista ou conserva a dominância sobre o grupo e o território.

Outra característica é que essa forma de luta se desenvolve instintivamente: animais separados de seus grupos desde o desmame desenvolvem os mesmos comportamentos diante de um oponente e até mesmo frente à simulação de uma agressão por parte do homem.

A VIOLÊNCIA ENTRE OS HOMENS

O homem é um animal que não mantém tal ética em suas formas de ataque. Ele põe em risco a vida de seus oponentes, usa armas mortíferas contra membros de sua espécie.

Assim, considerar a violência humana como parte de uma reação instintiva presente entre todos os animais é absolutamente impossível. As formas de luta humana são totalmente diferentes, e só os ataques humanos a seres da mesma espécie podem receber o nome de violência. Só o homem se arma premeditada e perpetuamente contra seus semelhantes, o que equivale a dizer que só o homem adota uma postura de permanente ataque e permanente ameaça.

A guerra, mesmo que justificada por alguns estudiosos como forma de controlar a taxa populacional, é um invenção humana, culturalmente aprendida. Não há indícios de que o homem, longe de seu grupo de origem, desenvolva atitude de constante ataque e defesa.

Ao lado da cooperação originária, da qual resultou a vida em sociedade, o homem desenvolveu formas de violência e dominação, presentes tanto nas relações entre indivíduos de um mesmo grupo ou sociedade quanto entre indivíduos de grupos ou sociedades diferentes.

A violência de homens contra homens, mais expressiva sob a forma de guerra, surge com a civilização humana e tinha como objetivo garantir a posse de territórios, a dominação de uma sociedade sobre outra, produtos e mão-de-obra para os trabalhos mais pesados e difíceis. Podemos dizer, portanto, que a civilização se ergueu com o auxílio da força e da violência através das quais os povos, mesmo com pequeno número de membros, podiam contar com um contingente “extra” que garantia os meios de sobrevivência. Ou

seja, a produção de alimentos, bem como a guerra, construção de estradas, portos e monumentos.

Mantida a civilização pela força e violência, a ruptura desses impérios só se efetua pela reação também violenta e guerreira. Gregos aprenderam com cretenses o uso de armas de ferro, romanos aprenderam com cartagineses o uso de barcos de guerra, europeus aprenderam com chineses o uso da pólvora.

Portanto, a violência humana, a agressão premeditada e mortífera de indivíduos e grupos para com outros da mesma espécie surgiu junto com a civilização; foi aprendida culturalmente e, em todos os tempos, caracterizou as relações de poder.

Exercício

Analisar a música “O Calibre”, dos Paralamas do Sucesso

O Calibre

Paralamas do Sucesso

Eu vivo sem saber até quando ainda estou vivo

Sem saber o calibre do perigo

Eu não sei, da onde vem o tiro (REFRÃO)

Por que caminhos você vai e volta?

aonde você nunca vai

em que esquinas você nunca para?

à que horas você nunca sai?

Há quanto tempo você sente medo?

Quantos amigos você já perdeu?

Entrincheirado vivendo em segredo e ainda diz que não é problema seu

E a vida já não é mais vida

no caos ninguém é cidadão

as promessas foram esquecidas

Não há estado, não há mais nação

perdido em números de guerra

rezando por dias de paz

não vê que a sua vida aqui se encerra com uma nota curta nos jornais

REFRÃO

Por que caminhos você vai e volta?

aonde você nunca vai

e que esquinas você nunca para?

a que horas você nunca sai?

Há quanto tempo você sente medo?

Quantos amigos você já perdeu?

Entrincheirado vivendo em segredo

e ainda diz que não é problema seu

A vida já não é mais vida

no caos ninguém é cidadão

as promessas foram esquecidas

Não há estado, não há mais nação

perdido em números de guerra

rezando por dias de paz

não vê que a sua vida aqui se encerra

com uma nota curta nos jornais

REFRÃO

Pedir aos alunos que pensem se a violência pode ser medida. Perguntar como eles acham que são feitas as pesquisas sobre o medo da violência nas cidades, por exemplo.

Montar um questionário a partir das sugestões feitas pelos alunos e pedir que cada um aplique, com pelo menos dois vizinhos da rua. Explicar que assim teremos uma noção de como as pesquisas que medem o índice de violência são feitas, mas chamar atenção para o fato de que isso não significa que a partir dos poucos dados que vamos coletar, teremos uma visão exata de como a violência afeta a população dos bairros próximos da escola.

O professor deve mostrar estatísticas sobre violência no Rio de Janeiro e no Brasil facilmente localizadas na Internet.

ATIVIDADE 4

Objetivos

- Discutir e analisar o fenômeno da violência sob vários aspectos (social, econômico e cultural).
- Promover a reflexão sobre o tema, procurando eliminar preconceitos morais recorrentes nesta questão.
- Desenvolver um “estudo de caso”, através da exibição e análise de filme.

Atividades

- Exibir o filme “Tiros em Columbine” do cineasta Michael Moore.
- Organizar uma representação do que seria o julgamento dos garotos envolvidos no caso. Dois alunos devem ser escolhidos como réus. Selecionam-se o promotor, o advogado, o juiz e as pessoas que deverão compor o júri. A acusação e a defesa deverão preparar, separadamente, seus respectivos argumentos, com ajuda do restante da turma.
- Para a elaboração dos argumentos o professor poderá fornecer algumas sugestões, por exemplo:

Acusação

- Os réus são inteiramente responsáveis pelos seus atos.
- Os réus, jovens de classe média, não possuíam motivos ou problemas psicológicos aparentes que desencadeassem tal ato.
- A violência é algo natural para esses jovens, por isso devem ser afastados da sociedade.
- Seus pais, como responsáveis, também devem ser punidos.

Defesa

- A culpa é da sociedade que faz com que os jovens sejam criados em uma cultura que incentiva a violência, através da mídia e de jogos violentos.
- Os fabricantes e revendedores de armas são culpados, pois comercializam armas até pela internet.

- Os réus não sabiam o que estavam fazendo, agindo por influência externa.
- A cada argumento relatado pelas duas partes, os alunos discutirão comunicando suas opiniões pessoais sobre o assunto. Desta forma, a questão da violência vai sendo desconstruída e discutida através da análise de um caso real (relatado no filme), implicando questões sociais, econômicas, psicológicas e biológicas sobre a violência no ser humano.
- Por fim, o Júri deverá chegar a um veredicto, divulgando a sentença final.

Questões para reflexão

- A violência é um produto social ou inerente ao ser humano?
- Até que ponto influências externas determinam os atos violentos?
- No caso de crianças e adolescentes, a culpa é dos pais, das escolas?
- Quais são os tipos de violência mais recorrentes?
- A comercialização de armas de fogo deveria ser proibida?
- Quem mata: as armas ou os homens?

Local

Sala de vídeo e sala de aula.

Material

Filme (“Tiros em Columbine” – Michael Moore), e vídeo.

Sinopse

Documentário que investiga a fascinação dos americanos pelas armas de fogo. Michael Moore, diretor e narrador do filme, questiona a origem dessa cultura bélica e busca respostas visitando pequenas cidades dos Estados Unidos, onde a maior parte dos moradores guarda uma arma em casa. Entre essas cidades está Littleton, no Colorado, onde fica o colégio Columbine. Lá os adolescentes Dylan Klebold e Eric Harris pegaram as armas dos pais e mataram 14 estudantes e um professor no refeitório. Michael Moore também faz uma visita ao ator Charlton Heston, presidente da Associação Americana do Rifle.

Produção dos alunos

Representação de um julgamento; relatórios e definição de argumentos.

ATIVIDADE 5

Discutir a música Haiti de Caetano Veloso e Gilberto Gil, buscando identificar até que ponto a violência exibe um componente de preconceito racial. Pergunta-se: vocês concordam que a violência no Brasil é maior em relação aos negros? Por quê?

Haiti

Caetano Veloso & Gilberto Gil

Quando você for convidado pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos (E são quase todos pretos)
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se os olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque, um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária
Em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada:
Nem o traço do sobrado
Nem a lente do fantástico,
Nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo...
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um saco
Brilhante de lixo do Leblon
E ao ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. “*Violência, justiça penal e organização social do crime*”, Comunicações do ISER, 47, Rio de Janeiro, 1996.

COSTA, Maria C. Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

DELLASOPPA, Emílio. *Reflexões sobre violência, autoridade e autoritarismo*. São Paulo: Revista USP - *Dossiê Violência*, nº 9, março/maio de 1991.

DORNELLES, João Ricardo. *O que é crime*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988 (Coleção primeiros passos, nº 207).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

MORAIS, Regis. *O que é violência urbana?* São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985 (Coleção primeiros passos, nº 15).

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Filmes

“Notícias de uma guerra particular”, Direção: João Moreira Salles. Documentário

“Cidade de Deus”. Direção: Fernando Meirelles. Longa Metragem

TEMA 11: GÊNERO E SEXUALIDADE

HÁ IGUALDADE ENTRE OS SEXOS?

Apresentação e objetivos

Uma das questões que mais impacto produziu ao longo do século XX, especialmente em sua segunda metade, é a questão do gênero. Pode-se dizer que, no âmbito dos estudos sociológicos, é uma das questões que mais tem gerado pesquisas cujos resultados promoveram e promovem até hoje impactos no movimento feminista em sua luta pela conquista de reconhecimento e direitos. As mudanças no papel social da mulher na família e na sociedade foram muitas e variadas nos últimos cinquenta anos e podemos destacar entre elas as conquistas por direitos legais, pela inserção qualificada no mundo do trabalho e no mundo da política. Hoje, as mulheres, por exemplo, já são maioria nas universidades no Brasil. Hoje, de um modo geral, elas escolhem seus cônjuges, suas formas de afeto e sexualidade e buscam maior autonomia para optar ou não pela maternidade. A redefinição do seu papel dentro da família e nas atividades domésticas é notável. Todas essas árduas conquistas da luta feminista e feminina impuseram a redefinição do papel do homem, antes favorecido pela cultura patriarcal, e em grande medida exigiram uma maior atenção ao tema da sexualidade. O objetivo das atividades aqui propostas é observar em que medida essas transformações já se encontram socializadas, sobretudo entre populações mais jovens, ou se há ainda resistências e desconfianças em relação a esses avanços. Ou seja, se os jovens ainda percebem a divisão sexual do trabalho, se eles ainda associam as mulheres ao trabalho doméstico, se eles ainda as vêem como sexo frágil. As atividades aqui propostas procuram estimular a reflexão dos alunos sobre os seus próprios preconceitos, além de garantir que eles possam compreender, de uma perspectiva sociológica, a importância de se estudar esse tema.

ATIVIDADE 1

Iniciar a aula perguntando aos alunos se existem diferenças entre homens e mulheres e quais são elas. Anotar as respostas no quadro, separando-as em físicas/biológicas e culturais/sociais. Perguntar aos alunos sobre quem eles acham que deve lavar a roupa e cozinhar, quem deve

consertar o carro, quem é responsável pelo sustento da família e quem é responsável pela criação dos filhos etc., anotando suas respostas no quadro.

Pedir aos alunos que prestem atenção, no filme a ser exibido, “Acorda Raimundo!”, às relações entre homens e mulheres. Ao término do filme, dividir a turma em grupos (5 alunos cada) e entregar a cada grupo algumas frases. Os alunos então devem discutir as afirmações, tais como: “a mulher precisa se manter virgem até o casamento”, “o homem deve cuidar dos filhos e filhas”, “o homem não pode usar saia”, “a mulher pode ser pedreira” etc. Depois de algum tempo, cada grupo apresenta suas frases e os resultados a que chegaram: busca-se identificar se houve consenso ou não, quais os pontos de discordância ou concordância.

Depois dessa experiência, explicar aos alunos que as mulheres há muito tempo lutam por direitos iguais no mundo inteiro e apresentar um cartaz sobre algumas conquistas das mulheres (cf. abaixo). Em seguida ler um texto complementar, esclarecendo dúvidas. Ao final dessa atividade o aluno deve produzir um texto de qualquer gênero, a ser apresentado na aula seguinte, sobre as mudanças nas relações entre homens e mulheres nos últimos 50 anos. Para isso eles devem entrevistar mulheres e homens mais velhos, seus pais, avós ou quaisquer pessoas, a fim de comparar o que eles dizem com o que os alunos percebem nos dias atuais.

Filme

“Acorda Raimundo!” Pedir aos alunos que comparem o filme com seu cotidiano e com a sociedade em geral.

Sinopse do filme “Acorda Raimundo!”

Nesse filme, o ator Paulo Betti encarna o personagem Raimundo, um homem tratado como mulher – na verdade há uma inversão de papéis, pois as mulheres realizam as tarefas consideradas masculinas e os homens desempenham os papéis atribuídos ao gênero feminino: cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, cuidar do “marido” e dos filhos e até ficar “grávido”. No final, Raimundo acorda e percebe que era apenas um sonho (ou pesadelo), o que dá um duplo sentido ao título do filme.

Cartaz sobre as lutas e conquistas da mulher brasileira

LUTAS E CONQUISTAS DA MULHER BRASILEIRA

- 1827 - Surge no Brasil a primeira legislação relativa à educação das mulheres para Escola Elementar.
- 1852 - Lançado o Jornal das Senhoras.
- 1879 - O Governo Brasileiro abre a instituição de Ensino Superior do país às mulheres.

- 1910 - Criado em 08 de março o Dia Internacional da Mulher.
- Fundação do Partido Republicano Feminino.
- 1917 - Mulher brasileira passa a ser aceita no serviço público.
- 1922 - Constituída a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.
- 1925 - Nasce o Movimento Feminino no país com o parlamento excluindo as mulheres da lei sobre o sufrágio universal.
- 1928 - As mulheres conquistam o direito de disputar, oficialmente, as provas olímpicas .
- 1932 - O Governo Getúlio Vargas promulga o novo código eleitoral dando direito ao voto às mulheres brasileiras.
- 1933 - Eleita a primeira mulher deputada para a Assembléia Constituinte.
- 1951 - OIT aprova a Convenção de Igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino para mesma função.
- 1960 - Surge o novo feminismo em paralelo a outras lutas.
- Ocorre a primeira Conferência Mundial da Mulher – ONU.
- 1975 - Criação do Centro da Mulher Brasileira no Rio de Janeiro (CEDIM).
- Comemora-se em todo planeta o Ano Internacional da Mulher..
- 1976 - Convenção contra todas as formas de discriminação contra a mulher (Documento base de todas as convenções).
- 1980 - Ampliação e diversificação dos movimentos, Partidos Políticos, Sindicatos e Associações Comunitárias.
- Elaboração de políticas públicas voltadas para as questões da mulher.
- 1990 - ONGs , criação de redes, campanhas nacionais aprofundam a interlocução com o Legislativo e Judiciário em novas medidas.

Texto complementar

Relações de gênero em nossa sociedade

Desde o final da década de 50, mudanças vêm redefinindo o espaço da mulher na sociedade e, no Brasil, os anos 60 representam um divisor de águas no que diz respeito ao papel feminino. De lá para cá, a mulher vem ocupando os mais diversos espaços e conquistando posições anteriormente exclusivas de homens, como na profissão de motorista de ônibus, por exemplo. A mulher vem acumulando papéis, pois continua a ser mãe, esposa e dona de casa, além de trabalhar fora e disputar o mercado de trabalho com os homens. Mesmo considerando as conquistas da mulher na transformação desses papéis, podemos citar a família, a escola e atualmente a mídia, como agentes que contribuem para manter o modelo patriarcal como referência da diferença entre os papéis sociais do homem e da mulher.

Embora a mulher esteja cada vez mais presente no espaço público, antes reservado exclusivamente ao homem, o contrário não acontece: as funções domésticas continuam a ser predominantemente femininas e sua remuneração ainda é inferior à do homem quando desempenham as mesmas funções, prova de que a divisão sexual do trabalho se mantém. Acredita-se que, devido a todas as mudanças, o homem perdeu espaço

para a mulher e já estão sendo feitos estudos sobre a crise da masculinidade, que na verdade é a crise do antigo modelo de masculinidade. É possível pensar que o homem que colabora com as tarefas de casa, dependendo da classe social, ou não deseja que tal fato se torne público por medo de ser inferiorizado, ou aparece como exemplo de bom marido e bom pai, o que significa valorizar um papel que antes era considerado desviante – prova de que a visão androcêntrica continua a imperar, já que uma tarefa não tem valor por si, seu valor é dado por quem a realiza. Seguindo essa mesma lógica, quanto maior o número de mulheres que exercem uma profissão maior sua desvalorização, tanto em termos de remuneração quanto de status social.

Assim, é possível afirmar que o papel da mulher em nossa sociedade é cuidar da casa, além de trabalhar fora, ser esposa e mãe, enquanto o homem não participa das tarefas domésticas porque só trabalha fora de casa. Acredita-se que, no discurso feminino, apreendido na interação social, estão implícitas as idéias de eficiência e conformação no desempenho do seu papel, pois seu desejo é o de fazer mais coisas em menos tempo, aceitando determinadas tarefas como naturalmente suas, enquanto o discurso masculino, quando existe, reforça essas idéias com sua aprovação. Aparentemente, existe um ideal de perfeição e eficiência, traduzido na tentativa de atingir um padrão de “supermulher”. Supõe-se que mulheres sempre protagonizem as propagandas relacionadas às atividades domésticas e homens quase nunca apareçam e que a mulher é a responsável pelo bem-estar da família, cuidando para que tudo em casa fique em ordem. É possível também pensar que os espaços da casa encontram-se divididos: a mulher fica na cozinha e na área de serviço enquanto o homem, quando está presente, permanece na sala.

O fato do trabalho doméstico da mulher não ser remunerado contribui para desvalorizá-lo, pois sugere que seu tempo não tem importância e pode ser dado sem limites aos membros da família. Quando a mulher começa a trabalhar fora passa a valorizar mais o seu tempo e a si própria, embora tenha que continuar se dedicando à casa e à família. O aumento do número de mulheres que trabalham fora afeta a divisão de tarefas domésticas e os modelos tradicionais masculinos e femininos, gerando consequências na aquisição de posições sexualmente diferenciadas dentro da família.

Os eletrodomésticos e os bens de consumo diminuíram o tempo dedicado ao trabalho doméstico – se por um lado a máquina de lavar e o sabão em pó legitimam a visão de que lavar roupa é tarefa feminina, por outro lado eles facilitam essa tarefa e, com isso, a mulher pode se dedicar a outras atividades e trabalhar fora – o que contribui para uma mudança nos papéis de gênero. As implicações que os novos modelos de gênero têm na vida social e nas relações de conjugalidade e, com isso, no próprio modelo de família, indicam que a influência da propaganda na construção e reificação dos papéis masculinos e femininos é um aspecto importante para compreender as relações de gênero e a própria realidade social brasileira.

Fabiana Simões
Profa.de Sociologia da rede de ensino do Estado

O estigma das feministas

Bila Sorj (O Globo, 13/05/2005)

É muito difícil saber como os estereótipos emergem na sociedade, embora seja muito fácil perceber os efeitos, muitas vezes, devastadores que eles provocam. Os estereótipos são generalizações simplistas sobre um grupo de indivíduos que levam as pessoas a percebê-lo e tratá-lo de acordo com preconceitos injustificáveis.

A reunião preparatória da 1 Conferência Mundial da Mulher na Cidade do México, realizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 1975, é considerada o marco inaugural de uma onda longa de mobilizações que produziram importantes mudanças nas relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira. Neste ano estamos, pois, comemorando 30 anos do movimento feminista no país e ainda é notável a grande resistência das pessoas em se declararem feministas, mesmo quando abraçam todas as bandeiras que as feministas lançaram desde os anos 70: salário igual para trabalho igual, livre acesso à contracepção, descriminalização do aborto, igualdade entre homens e mulheres na repartição das tarefas domésticas, o fim da violência doméstica. Assim, encontramos muitas mulheres e homens que sempre iniciam suas colocações dizendo que não são feministas, mas são a favor disto e daquilo que constituem o ideário e as lutas feministas.

Por que as pessoas resistem tanto a se identificar com o feminismo, ao mesmo tempo em que se mostram tão satisfeitas com a mudança de mentalidade por ele promovida? Provavelmente, uma das respostas é porque esse movimento foi objeto de um descrédito sistemático: quantas vezes ouvimos que as feministas são mulheres mal-amadas, histéricas, frustradas, raivosas, mal-humoradas como se esses atributos de personalidade fossem monopólio das feministas e não estivessem aleatoriamente distribuídos em qualquer grupo político, profissional ou religioso.

A permanência deste preconceito é ainda mais surpreendente quando adotamos uma visada histórica sobre os movimentos políticos e sociais do extremado século XX e nos damos conta de que o feminismo foi, de longe, o movimento político mais bem sucedido do século. Diferentemente dos demais movimentos políticos, como o fascismo, o nacionalismo e o comunismo, o feminismo promoveu uma formidável mudança de comportamentos orientada para a promoção de mais liberdade e igualdade entre os sexos, sem aspirar à tomada do poder, sem utilizar a força e sem derramar uma gota de sangue. As mudanças ocorreram no campo do convencimento e da persuasão, pela condução de campanhas e manifestações, pela divulgação de idéias na mídia e pela mudança das leis. O feminismo, além do mais, constitui-se como movimento plural, sem dono nem estruturas de controle centralizadas, sem excomungados, renegados ou dissidentes.

Nossa memória histórica, às vezes, nos surpreende. Ela tende a mistificar líderes revolucionários irascíveis, impetuosos e autoritários que fazem uso da força e da violência para impor suas crenças, até mesmo quando não estamos de acordo com o resultado da ação. Assim é quando, muitas vezes, afirmamos que apesar de tudo esses líderes foram generosos, solidários e ternos. Enquanto isso, as feministas são, no melhor dos casos, tratadas de forma jocosa, como um bando de mulheres desafortadas.

Está na hora de revermos essa narrativa profundamente inconsistente na qual não gostamos das santas mas apreciamos o milagre. Está na hora, também, de valorizarmos importantes mudanças que são obra do esforço cotidiano e anônimo de milhares de pessoas comuns.

(Bila Sorj é professora de sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.)

ATIVIDADE 2

Qual é a linguagem do corpo. O professor deve introduzir um debate estimulando os alunos a pensarem sobre como homens e mulheres desenham seus corpos. Pedir que os alunos definam as formas como homens e mulheres adornam seus corpos e como eles definiriam essas formas. Pedir que eles identifiquem as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres em suas relações com o corpo, conferindo-lhe marcas de beleza e de feiúra, normalidade e anormalidade, cuidado e desleixo, e quais são as práticas sociais de cuidado com o corpo.

O professor deve estimular o aluno a pensar na historicidade do corpo. Como os padrões de beleza se modificam histórica e culturalmente e chamar atenção para o fato de que atualmente o corpo ocupa lugar central na definição do sujeito: criar um corpo esbelto, sarado, é marcar uma identidade. Além disso, o cuidado para tornar o corpo saudável – tal como prescrito pelas pedagogias culturais – é uma obrigação.

Ao historicizar as práticas sociais de cuidado com o corpo deve lembrar que, se nos séculos XVI e XVII os banhos eram considerados prejudiciais à pele, a partir do século XVIII o asseio é visto como prática essencial para a saúde e conservação do corpo. No século XIX, o corpo é tematizado pela ciência e passa a ser objeto de disciplinarização, tanto quanto a sexualidade. As teorias raciais também buscavam classificar os corpos e suas expressões de acordo com a pigmentação da pele e as características das raças. Como hoje o corpo é tematizado? Quais são os padrões que orientam as nossas formas de conceber o corpo? Como, nessas novas considerações sobre o corpo, a sexualidade é compreendida? Qual é a relação entre corpo e moralidade, entre corpo e religião? Como os alunos avaliam a importância das cirurgias plásticas e da indústria cosmética na reinvenção do corpo e da jovialidade? E a gravidez? Como ela interfere no corpo?

Alcance

A oportunidade desse debate é que ele ajuda a compreender histórica e culturalmente as formas de entendimento e cultivo do corpo. Tal atividade é importante também para que o aluno compreenda que, ao mesmo tempo que o corpo experimentou nas últimas décadas as formas mais contundentes de liberação, vivemos também sob a tirania dos ideais de beleza, de certas formas sociais de padronização do belo e de corpo saudável. A sexualidade também é um tema que poderá ser introduzido nessa discussão.

Descrição da atividade: Pedir que os alunos tragam para a sala de aula imagens de revistas, fotos de família, imagens antigas que revelem as transformações nos padrões de beleza associadas ao corpo. Da miss à modelo, manequim; do corpo coberto ao corpo desnudo; da moda das praias; dos tipos sociais de corpos valorizados; dos papéis sociais e dos adornos que demarcam as identidades; as “tribos urbanas” etc. Há uma gama de possibilidades a serem exploradas pelos alunos a partir das imagens por eles coletadas.

Produto

ao final os alunos devem construir um mural, o “mural do corpo”, exibindo historicamente e culturalmente as diferentes manifestações de formas e tipos de corpos cultivados.

Sexualidade no Plural - O direito à diferença. In Bocas do Mundo, Revista de Articulação de Mulheres Brasileiras, n.2

Maria Luiza Heilborn

A sexualidade tornou-se nas últimas décadas um assunto cada vez mais importante no debate público. Ela se transformou, por intermédio, de um longo processo de mudanças históricas uma área da vida à qual se atribui muito significado, exprimindo um lugar de realização, de definição de identidade pessoal. Disseminou-se a idéia de que a sexualidade deriva de um impulso vital, presente em toda a humanidade, que brota do íntimo e do profundamente subjetivo de cada pessoa, mas em geral esta percepção ignora o fato de que diferentes sociedades concebem a atividade sexual de maneira muito variada. Assim se ramos de saber, como a psicologia e a psicanálise, salientam o fato de existir uma organização psíquica de nossos desejos e preferências sexuais, também é verdade que a maneira como seremos capazes de reconhecer e exprimir tais preferências depende de um conjunto de situações sociais que enquadram as maneiras pelas as relações de gênero se apresentam. Mas por que falar em relações de gênero?

Uma das primeiras formas de classificação no mundo social diz respeito ao sexo das pessoas. A palavra sexo, contudo, pode ter vários sentidos superpostos: ela pode designar o formato físico dos corpos: machos ou fêmeas da espécie, mas também a atividade sexual. Durante muito tempo se acreditou que o sexo (o do corpo) era responsável pelo modo como as pessoas agiam, sentiam e pensavam. “Mulher é assim e homem é assado”. Com a intenção de distinguir os diferentes níveis de realidade desses fenômenos, surgiu o conceito de gênero, elaborado pelas ciências sociais. Ele se refere à construção social do sexo anatômico. Esta idéia foi produzida para distinguir a dimensão biológica da social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a maneira de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. Assim gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não apenas da natural, e o que se designa por masculino e feminino varia enormemente. Mas, sobretudo, que há modos ditos legítimos de ser homem e mulher, criando hierarquias entre essas modalidades diferentes de ser.

Sexualidade e gênero são dimensões que integram a identidade pessoal de cada indivíduo, mas são originadas, afetadas e transformadas pelo modo como os valores sociais, sistematizados em códigos culturais, organizam a vida coletiva em um dado momento histórico. Os indivíduos concretos aprendem a lidar com essas concepções, mas a o caráter atual das sociedades é de conceder cada vez mais espaço para a individualização. Este é um valor da vida coletiva, que cada vez se impõe mais fortemente.

A vida em sociedade é impensável sem diferenças. A diferença estrutura o modo como pensamos. E falar em diferença não significa, necessariamente, falar em desigualdade, subordinação ou opressão. As sociedades contemporâneas têm cada vez mais abraçado o ideário do princípio da igualdade. Princípio exemplificado na idéia de direitos humanos, que asseguram condições de vida e de dignidade para as pessoas. A igualdade não significa o mesmo. Ela deve ser entendida como um princípio que admite o convívio e o respeito das diferenças, sem que estas sejam cristalizadas em desigualdades imobilizadoras. Um dos recentes desdobramentos dessa concepção de direitos humanos se exprime na idéia de direitos sexuais, que abarca a noção de bem estar assegurado (como o da saúde, por exemplo) e de dignidade garantida ao estilo de vida que se expressa na forma peculiar de atração erótica e das formas de obtenção de prazer de cada sujeito, salvaguardadas o respeito ao consentimento de com quem se exerce essas preferências.

Essas formas variadas de desejo, que escapam à concepção do sexo voltado para a reprodução ou dentro do que se derivou como norma heterossexual, sempre estiveram presentes em distintos momentos históricos e variadas sociedades, mas a grande novidade das sociedades contemporâneas é reivindicar a legitimidade e tratamento eqüitativo para tais modalidades de ser.

A chamada revolução sexual – que se costuma localizar nos anos 60 do século passado – representou um símbolo dessa nova maneira. A contracepção hormonal, embora não acessível a todas as mulheres, afastou as implicações diretas entre sexo e reprodução; as mulheres, impulsionadas pelo feminismo, insistiram no tema de que o “nosso corpo nos pertence” exprimindo a reivindicação de usufruir a sexualidade sem constrangimentos. E, sobretudo, o aparecimento do movimento de liberação homossexual trouxe para a cena pública que os amores e a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo, designados por homossexualidade, mereciam reconhecimento e respeito. Por várias razões, e a elas não escapa a própria lógica da dominação masculina, o sexo entre homens sempre teve maior visibilidade e também mais perseguição. O relativo silêncio que recobre o lesbianismo é expressivo de uma mentalidade que delega ao feminino um lugar secundário. Mas, certas vezes, estar nas reentrâncias da cena pública permite florescer inesperadas soluções. O erotismo entre mulheres freqüentemente se apresenta como uma delas.

Maria Luiza Heilborn é historiadora e antropóloga, doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, professora adjunta do PPGSC/IMS/UERJ.

Exercício

Pedir que os alunos leiam o artigo acima e explorem o tema da sexualidade e suas expressões na sociedade brasileira.

Site

www.clam.org.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clara e SCALON, Celi. *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARVALHO, Marília P. “Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam os meninos e as meninas.” *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, 2001. p. 554-574.

FISCHER, Rosa Maria B., “Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, 2001 p.586-600.

GOFFMAN, E. Estigma. *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira L. & Meyer, Dagmar. “Apresentação [Dossiê Gênero e Educação]”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, 2001. p. 513-514.

ROSEMBERG, Fúlvia. “Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, 2001. p. 515-540.

SCOTT, J. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade* 20(2): 71-99 jul./dez., 1995.